

Nora Roberts
A ESCREVER COMO

ROBB

Testemunha Mortal

Tradução de Georgina Torres

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido.

Está tudo na peça.

— WILLIAM SHAKESPEARE

Esta moderadora sensata, e parte igual da justiça, a Morte.

— SIR THOMAS BROWNE

Os homicídios tinham sempre público. Quer fossem horríveis ou alegres, com humor negro ou dor discreta, o fascínio da humanidade pelo crime derradeiro tornava-o num assunto bem explorado na realidade e na ficção.

Quando muito, o homicídio vendia bilhetes e enchera teatros ao longo da História. Os romanos abriam caminho à força para entrar no Coliseu e ver gladiadores desfazerem-se em bocados. Ou para atenuar um dia enfadonho vendo uma matiné em que alguns cristãos desgraçados eram confrontados com leões dispostos a agradar para entreter uma multidão efusiva.

Dado que o resultado destes confrontos desiguais era quase certo, a multidão não enchera as bancadas para ver se talvez desta vez os cristãos ganhariam. Queriam os resultados e todo o sangue e chacina que proporcionavam.

Os espetadores podiam ir para casa satisfeitos porque o espetáculo valera o dinheiro e por se encontrarem vivos e inteiros. Assistir à morte dos outros era um modo simples de garantirem a si mesmos que os seus problemas pessoais, afinal, não eram assim tão graves.

A natureza humana e a necessidade deste tipo de entretenimento não mudaram muito ao longo de um ou dois milénios. Os leões e cristãos podiam ser coisa do passado, mas nos últimos dias do inverno de 2059, o homicídio continuava a vender bem e a aumentar as audiências na comunicação social.

De um modo mais civilizado, claro.

Famílias, casais de namorados, gente sofisticada e os seus primos provincianos continuavam a fazer fila e a dar os créditos que tanto lhes custara a ganhar para se entreterem com a *ideia* de homicídio.

A Tenente Eve Dallas dedicava-se ao crime e castigo, e o homicídio era a sua especialidade. Mas nessa noite estava sentada num lugar confortável numa casa cheia e assistia ao inteligente ato de matar no palco.

— Foi ele.

— Hmm? — Roarke estava tão interessado na reação da esposa à peça como na peça em si. Eve inclinou-se para a frente, de braços cruzados sobre o parapeito reluzente do camarote. Os seus olhos cor de *brandy* perscrutavam o palco, os intervenientes, mesmo enquanto o pano desceu para o intervalo.

— Foi o tal Vole. Ele matou a mulher. Esmagou-lhe a cabeça por dinheiro. Não foi?

Roarke serviu calmamente aos dois um copo de champanhe que tinha a refrescar. Ele não sabia muito bem como Eve iria reagir a uma noite em que o entretenimento seria um homicídio e ficara satisfeito por ela alinhar. — Talvez.

— Não tens de me dizer. Eu já sei — Eve pegou na *flute* e estudou a cara dele.

E que cara linda era, pensou ela. Parecia ter sido esculpida como por magia numa beldade masculina deslumbrante que deixava as glândulas de uma mulher ao rubro. Era emoldurada por uma cabeleira escura, aqueles ossos longos e esculpidos, a boca firme e grossa que agora se curvava num discreto sorriso enquanto Roarke a observava. Ele estendeu a mão, como se nada fosse, para passar os dedos longos sobre as pontas do cabelo de Eve.

E aqueles olhos, aquele azul fantástico, quase ofuscante, ainda conseguia fazer parar o seu coração.

Era terrível como o homem conseguia virá-la do avesso com um mero olhar.

— Para onde estás a olhar?

— Estou a olhar para ti — aquela simples frase, dita com um sotaque irlandês musical, era só por si um poder.

— Ai sim? — ela inclinou a cabeça. Descontraída com a ideia de não ter de fazer nada nessa noite, senão estar com ele, aproveitá-lo, deixou que Roarke lhe mordiscasse os nós dos dedos. — Queres brincadeira?

Divertido, ele pousou o copo e, observando-a, percorreu a sua perna longa com a mão até onde a racha da sua saia estreita terminava na anca.

— Tarado. Para com isso.

— Tu é que pediste.

— Não tens vergonha nenhuma — mas ela riu-se e devolveu-lhe o copo. — Metade das pessoas que estão neste teu teatro fino estão a olhar para este camarote. Todos querem ver o Roarke.

— Estão a olhar para a minha esposa jeitosa, a agente de Homicídios que me fisgou.

Ela fez um sorriso de escárnio, tal como ele esperava. Isso permitiu-lhe inclinar-se e ferrar ligeiramente os dentes no macio lábio inferior de Eve. — Continua — avisou ela. — Vamos ter de vender bilhetes.

— Basicamente ainda somos recém-casados. É perfeitamente aceitável que recém-casados namorisquem em lugares públicos.

— Como se tu te importasses com o que é aceitável — Eve colocou uma mão no peito dele e deu-lhe uma cotovelada para o colocar a uma dis-

tância segura. — Esta noite tens casa cheia. Deduzo que sabias que estaria cheia — Eve voltou-se para trás para olhar novamente para a assistência.

Ela não percebia muito de arquitetura ou design, mas o local transbordava classe. Deduzia que Roarke contratara as melhores mentes e talentos disponíveis para restituir o velho edifício à glória de outrora.

As pessoas entraram e saíram do teatro enorme de vários pisos durante o intervalo e o barulho das suas vozes elevou-se num ruído ténue de humanidade. Algumas estavam vestidas para matar, por assim dizer. Outras traziam roupa informal com botas e casacos militares antigos e demasiado grandes que eram moda nesse inverno.

Com os seus tetos altos com frescos pintados, os seus quilómetros de carpete vermelha e hectares de folha de ouro, o teatro fora recuperado segundo as especificações exatas de Roarke. Tudo o que era dele era feito segundo as suas especificações e, pensou Eve, ele era dono de quase tudo o que podia ser comprado no universo.

Era algo a que ela ainda não estava habituada, duvidava até de que alguma vez se sentisse completamente confortável com isso. Mas o Roarke era assim e casaram-se para o bem e para o mal.

No espaço de um ano desde que se conheceram, tinham tido um pouco das duas coisas.

— Tens aqui um teatro e peras, menino. Não se percebia a grandiosidade pelos modelos holográficos.

— Os modelos só dão a estrutura e elementos de ambiente. Um teatro precisa de pessoas, do seu cheiro e barulho, para causar impacto.

— Acredito em ti. O que te levou a escolher esta peça para a inauguração?

— É uma história comovente e tem temas intemporais, a meu ver, à semelhança das melhores histórias. Amor, traição, homicídio, tudo junto numa amálgama. E o elenco é excelente.

— E tem a tua marca. Ainda assim, o Leonard Vole é culpado — Eve semicerrou os olhos em direção ao pano brilhante vermelho e dourado descido, como se conseguisse ver através dele para medir e avaliar. — A mulher dele é uma sujeita esperta, com algum truque na manga. O advogado do tipo é bom.

— Causídico — corrigiu Roarke. — A peça desenrola-se em Londres, em meados do século xx. Neste sistema específico, os causídicos defendem casos criminais.

— Ou isso. Os fatos são fixos.

— E autênticos, são de cerca de 1952 — quando *Witness for the Prosecution* saiu em filme, foi um êxito tremendo e provou ser um êxito duradouro. Na altura também tinham um elenco fabuloso — ele tinha-o em

disco, claro. Roarke tinha um gosto especial por filmes a preto e branco do início e meados do século xx.

Alguns achavam que o preto e branco era simples e nítido. Roarke via sombras. Isso a sua esposa entenderia muito bem, pensou ele.

— Escolheram bem atores que refletem os intervenientes originais, ainda que mantendo o seu próprio estilo —, disse-lhe Roarke. — Temos de ver o filme qualquer dia, para avaliares por ti.

Também ele olhou em redor pelo teatro. Por muito que apreciasse sair à noite com a esposa, era um empresário. A peça era um investimento. — Acho que esta peça vai ficar muito tempo em cena.

— Olha, é a Mira — Eve inclinou-se para a frente ao ver a psicóloga da Polícia, elegante como sempre, com um vestido branco justo. — Está com o marido e com mais algumas pessoas, aparentemente.

— Queres que lhe mande uma mensagem? Podemos convidá-los para beber um copo no final.

Eve abriu a boca e depois olhou Roarke de perfil. — Não, hoje não. Tenho outros planos.

— Tens?

— Sim. Tens algum problema com isso?

— Nenhum — ele encheu os copos. — Ainda temos alguns minutos antes do próximo ato. Diz-me porque tens tanta certeza de que o Leonard Vole é culpado.

— É demasiado distinto para não ser. Não é distinto como tu — acrescentou ela e fez Roarke sorrir. — Aquilo é... como é que se diz? Tudo aparência. Tu és distinto até à medula.

— Querida, lisonjeias-me.

— Seja como for, o tipo é um manhoso e desempenha bem o papel de um homem honesto, inocente, esperançoso e ingénuo que está numa maré de azar. Mas os homens bonitos com esposas lindas não perdem tempo com mulheres mais velhas e menos bonitas, a menos que tenham segundas intenções. E isto não tem que ver com vender um utensílio de cozinha pateta que ele inventou.

Eve bebericou o champanhe, recostando-se consoante as luzes piscaram para assinalar o final do intervalo. — A esposa sabe que foi ele. Ela é a chave, não é ele. É nela que se deviam concentrar. Se o caso fosse meu, investigava-a a ela. Sim, teria uma longa conversa com a Christine Vole.

— Então, estás a gostar da peça.

— É bastante inteligente.

Quando o pano subiu, Roarke observou Eve e não o drama desenrolado no tribunal.

Ela era a mulher mais fascinante que já conhecera, pensou ele. Algu-

mas horas antes, chegara a casa com sangue na camisa. Felizmente não era dela. O caso que o provocara fora aberto e encerrado quase imediatamente com uma confissão que Eve arrancara uma hora depois de o crime ser cometido.

Nem sempre era assim tão *simplista*. Roarke deduziu que essa era a palavra adequada. Vira-a trabalhar até à exaustão, arriscar a sua vida, para fazer justiça pelos mortos.

Esta era apenas uma das muitas facetas que ele admirava.

Agora ela estava ali, por ele, com um vestido negro distinto e elegante, adornada apenas com o diamante que ele lhe dera, caído como uma lágrima entre os seus seios, e a sua aliança de casamento. Tinha o cabelo curto, uma touca descuidada com dezenas de tons castanhos.

Eve assistiu à peça com aqueles olhos calmos de polícia, dissecando, deduziu ele, as provas, motivos e o caráter, tal como faria com um caso que lhe fosse entregue. Não tinha os lábios pintados, raramente se lembrava de usar *gloss*. A sua cara forte e o seu queixo desafiante com uma cova superficial dispensavam *gloss*.

Roarke observou a boca dela estreitar-se, os olhos semicerrarem-se e brilharem quando a personagem de Christine Vole subiu para depor e traiu o homem que chamava de marido.

— Ela anda a tramar alguma. Eu bem te disse.

Roarke bailou os seus dedos pela nuca de Eve. — Pois disseste.

— Ela está a mentir — murmurou Eve. — Não completamente. Mentiras parciais. Onde é que entra a faca nesta história? Ele cortou-se com ela. Isso não é o mais importante. A faca é uma distração. Não é a arma do crime que, já agora, não foi apresentada como prova. É uma falha. Mas se ele se cortou a partir pão com a faca, e todos concordam que assim foi, porque precisam da faca?

— Ele cortou-se de propósito para explicar o sangue nas mangas ou foi acidental, tal como ele afirma.

— Não faz diferença. É uma fachada — Eve franziu a sobrancelha.

— Ele é bom — ela baixou a voz, vibrante com o intenso desagrado que desenvolvera por Leonard Vole. — Olha para ele ali... o que é aquilo?

— O banco dos acusados.

— Isso, sentado no banco dos acusados com um ar muito chocado e devastado pelo depoimento dela.

— Pois é.

— Há aqui qualquer coisa que não bate certo. Eu já descobri.

Eve gostava de estimular a sua mente, procurar as possibilidades e variações. Antes de se envolver com Roarke, nunca vira uma peça ao vivo. Passara algum tempo em frente ao ecrã, deixara que a amiga Mavis a ar-

rastasse para alguns espetáculos holográficos ao longo dos anos. Mas tinha de admitir que ver atores a desempenhar cenas ao vivo, a dizer as falas e a movimentar-se, era muito mais divertido.

Havia qualquer coisa em estar ali sentado no escuro, vendo de cima a ação, que nos fazia sentir parte daquilo, ao mesmo tempo que nos distanciava o suficiente no sentido de não termos participação no resultado.

Desresponsabilizava, pensou Eve. A viúva tola e rica cujo crânio fora esmagado não precisava que a Tenente Eve Dallas encontrasse respostas. O que tornava interessante buscar essas respostas.

Se o Roarke levasse a sua avante, e quase sempre levava, aquela viúva rica morreria seis noites por semana e durante duas matinés, durante imenso tempo, para diversão e entretenimento de uma assistência de inspetores amadores.

— Ele não vale a pena — murmurou Eve, suficientemente envolvida na ação para se aborrecer com as personagens. — Ela está a sacrificar-se, a montar uma encenação para que os jurados a vejam como uma oportunista, uma exploradora, uma cabra insensível. Porque o ama. E ele não vale um corno.

— Deduzir-se-ia — comentou Roarke — que ela acabou de traí-lo e lixá-lo.

— Uh-uh. Ela deu a volta ao caso, deu a entender que a vilã é ela. Para quem estão agora os jurados virados? Ela é o centro das atenções e ele não passa de um tolo. Seria muito inteligente, se ele valesse a pena, mas não vale. Ela percebe isso?

— Observa e vê.

— Diz-me só se estou certa.

Ele inclinou-se e beijou-lhe a face. — Não.

— Não, não estou certa?

— Não, não te vou dizer, e se continuas a falar, vais perder as subtilizas e o diálogo.

Eve olhou carrancuda para ele, mas calou-se para assistir ao desenrolar do drama. Revirou os olhos quando leram o veredicto de inocente. Jurados, pensou ela. Não eram fiáveis na vida real nem na ficção. Um painel de doze polícias decentes teria condenado o sacana. Ela começara a dizê-lo e depois viu Christine Vole tentar abrir caminho por uma multidão de espetadores, que queriam que esta morresse, até à sala de tribunal quase vazia.

Eve acenou com a cabeça, agradada quando a personagem confessou as mentiras e enganos ao causídico de Vole. — Ela sabia que ele era culpado. Ela *sabia* e mentiu para o salvar. Idiota. Ele vai negar tudo e deixá-la. Vais ver.

Eve virou-se quando Roarke se riu. — Qual é a piada?

— Tenho a sensação de que *Dame* Christie teria gostado de ti.

— Quem é essa? Chiu! Aí vem ele. Olha-o todo convencido.

Leonard Vole atravessou o cenário da sala de tribunal, pavoneando-se com a sua absolvição e a morena magra que trazia pelo braço. *Outra mulher*, pensou Eve. *Grande surpresa*. Sentiu tanto pena como frustração por Christine ao vê-la atirar-se para os braços de Vole e tentar agarrá-lo.

Observou a arrogância dele, o choque e descrença de Christine, a raiva de *Sir Wilfred*. Por muito bem representado que estivesse, Eve não esperava outra coisa. E depois saltou repentinamente da sua cadeira.

— Filha da mãe!

— Senta-te, rapariga — encantado, Roarke puxou Eve de volta para a cadeira enquanto no palco, Christine Vole espetava a faca que roubara da mesa de provas no coração negro do seu marido.

— Filha da mãe — disse Eve novamente. — Não estava à espera. Ela matou-o.

Sim, Roarke achou que Agatha Christie teria gostado da sua Eve. *Sir Wilfred* proferiu essas mesmas palavras consoante pessoas correram para o palco para rodear o corpo e afastar Christine Vole.

— Há algo que não bate certo — mais uma vez, Eve levantou-se e agora o seu sangue latejava a um ritmo diferente. Desta feita agarrou o para-peito do camarote firmemente com ambas as mãos, os olhos fixos no palco. — Há aqui algo que não bate certo. Como descemos?

— Eve, é uma peça.

— Há alguém que não está a representar — Eve tirou a cadeira do caminho e saiu do camarote quando Roarke reparou que um dos figurantes que estava de joelhos se levantou e olhou para o sangue que tinha na mão.

Roarke apanhou Eve e agarrou-lhe no braço. — É por aqui, há um elevador. Leva-nos diretamente aos bastidores — ele introduziu um código. Algures lá em baixo uma mulher começou a gritar.

— Isto faz parte do guião? — Perguntou Eve ao entrarem no elevador.

— Não.

— Está bem — Eve tirou o comunicador da sua mala de cerimónia. — Daqui fala a Tenente Eve Dallas. Preciso de uma unidade médica no teatro New Globe, Broadway com Thirty-Eighth. O estado e ferimento ainda são desconhecidos.

Voltou a guardar o comunicador na mala quando o elevador se abriu para o caos. — Afasta e controla estas pessoas. Não quero que nenhum membro do elenco ou da equipa saia do edifício. Podes contar quantas pessoas são?

— Eu trato disso.

Separaram-se, com Eve abrindo caminho pelo palco. Alguém tinha

tido a presença de espírito de descer o pano, mas por detrás dele havia uma dúzia de pessoas em várias fases de histeria.

— Afastem-se — disparou Eve.

— Precisamos de um médico — a loura de olhar calmo que desempenhara o papel de esposa de Vole estava com ambas as mãos fechadas entre os seios. Tinha o fato e as mãos sujas de sangue. — Meu Deus. Alguém chame um médico.

Mas Eve agachou-se ao lado do homem estendido de cara para baixo e percebeu que era tarde demais para chamar médicos. Eve pôs-se de pé e tirou o seu distintivo. — Eu sou a Tenente Dallas, do Departamento de Polícia e Segurança de Nova Iorque. Quero que se afastem todos. Não toquem em nada, não tirem nada do palco.

— Houve um acidente — o ator que desempenhava *Sir Wilfred* tirou a sua peruca de causídico. O suor borrava a sua caracterização. — Um acidente terrível.

Eve olhou para a poça de sangue e para a faca do pão suja de sangue até ao cabo. — Isto é o local de um crime. Quero que se afastem. Que é dos seguranças, raios?

Eve esticou a mão e bateu no ombro da mulher que ainda encarava como sendo Christine Vole. — Eu disse para se afastarem — quando viu Roarke sair das alas com três homens fardados, fez-lhe sinal.

— Tirem-me esta gente do palco. Quero que a ponham em outro local. Têm camarins ou lá o que isso é. Escondam-na e vigiem-na. E o mesmo se aplica à equipa.

— Ele está morto?

— Se não está morto, ganha o prémio de melhor ator do século.

— Temos de levar o público para uma área segura. Façam-no de modo ordeiro.

— Vão tratar disso. Vê se a Mira ainda está por aí, ela dava-me jeito.

— Eu matei-o — a loura deu dois passos cambaleantes para trás, mostrando as mãos cheias de sangue e observando-as. — Eu matei-o — repetiu e depois desmaiou.

— Ótimo. Lindo. Roarke?

— Eu trato disto.

— Você aí — ela espetou um dedo em direção a um dos guardas. — Comece a levar estas pessoas para os camarins. Mantenha-as lá. Você aí — ordenou ao segundo guarda —, comece a reunir a equipa, os técnicos. Quero que fechem as portas. Ninguém entre, ninguém sai.

Uma mulher começou a soluçar, vários homens começaram a discutir alto. Eve contou até cinco, ergueu o seu distintivo no ar e gritou:

— Ouçam bem! Isto é uma investigação policial. Quem se recusar

a seguir as ordens estará a interferir com a investigação e será levado para a esquadra mais próxima onde será mantido numa cela. Quero este palco desimpedido e é já!

— Toca a despachar — a morena que fazia de amante de Vole graciosamente passou por cima de Christine, desmaiada no chão. — Alguns dos homens mais fortes que peguem na nossa atriz principal, pode ser? Eu preciso de beber qualquer coisa, porra — esta olhou em volta, os seus olhos calmos, cristalinos e verdes. — Pode ser, Tenente?

— Desde que não fique no local do crime.

Satisfeita, Eve tirou o comunicador. — Tenente Eve Dallas —voltou a agachar-se junto ao corpo. — Preciso que enviem imediatamente uma unidade da Polícia Científica.

— Eve — a Dra. Mira atravessou o palco a correr. — O Roarke disse-me... — deteve-se e olhou para o corpo no chão. — Santo Deus — soltou um longo suspiro e olhou para Eve. — O que posso fazer?

— De momento pode ficar por aqui. Não tenho conjunto de campo. A Peabody vem a caminho e mandei vir a equipa da Polícia Científica e o perito médico. Mas até eles chegarem, você é a médica e a oficial de Polícia e Segurança destacada. Desculpe lá estragar-lhe a noite.

Mira abanou a cabeça e começou a ajoelhar-se junto ao corpo.

— Não, cuidado com o sangue. Vai contaminar o local e estragar o vestido.

— Como aconteceu?

— Diga-me você. Todos nós vimos. Graças aos meus grandes poderes de observação, identifico essa faca como arma do crime — Eve afastou os dedos. — Nem sequer tenho uma lata de Selante. Que raio, a Peabody não chega?

Frustrada por não poder começar a realizar uma análise ou investigação a sério sem as suas ferramentas, virou-se e viu Roarke. — Importa-se de esperar aqui, Dra. Mira?

Sem esperar resposta, Eve seguiu para o lado esquerdo do palco. — Explica-me esta última parte com a faca. Como é que fazem isso? — perguntou a Roarke.

— A faca é um adereço. A lâmina recolhe quando é pressionada contra uma superfície sólida.

— Desta vez não foi assim — murmurou Eve. — A vítima, como se chama?

— Richard Draco. É um ator muito requisitado. Acho que agora não o será tanto.

— Conhecia-lo bem?

— Não. Estive com ele em alguns eventos sociais, mas essencialmente conhecia o trabalho dele — Roarke meteu as mãos nos bolsos e balançou sobre os calcanhares ao analisar o olhar admirado e fixo de Draco. — Já ganhou quatro prémios Tony e os filmes em que entrou tiveram excelentes críticas. Em termos de bilheteira, atrai muita gente, tanto no teatro como no cinema. É assim há vários anos. Tem fama — continuou Roarke — de ser difícil, arrogante e infantil. Tem várias mulheres e consome alguns estimulantes químicos que talvez não sejam aprovados pelo código da Polícia.

— E a mulher que o matou?

— Areena Mansfield. Uma atriz brilhante. Nada temperamental e dedicada à sua arte. Muito respeitada nos círculos teatrais. Vive e trabalha essencialmente em Londres, mas foi convencida a mudar-se para Nova Iorque para desempenhar este papel.

— Por quem?

— Por mim, em parte. Há vários anos que nos conhecemos. E não — acrescentou ele enfiando as mãos nos bolsos outra vez. — Nunca dormi com ela.

— Não te perguntei isso.

— Perguntaste sim.

— Está bem, se perguntei, quero saber o resto. Porque não dormiste com ela?

Um ligeiro sorriso elevou-lhe os cantos da boca. — Inicialmente porque ela era casada. E depois quando deixou de ser... — Roarke passou a ponta de um dedo pela cova do queixo de Eve. — Já eu estava casado. A minha mulher não gosta que durma com outras. Nesse aspeto é intransigente.

— Vou tomar nota disso — Eve considerou as suas opções e coordenou-as. — Conheces muitas destas pessoas, ou pelo menos tens uma impressão delas. Vou querer falar contigo depois — Eve suspirou. — Oficialmente.

— Claro. É possível que tenha sido um acidente?

— Tudo é possível. Preciso de examinar a faca e não posso tocar naquela porra antes da Peabody chegar. Porque não vais aos camarins consolar o teu pessoal? E mantém os ouvidos bem atentos.

— Estás a pedir a minha ajuda numa investigação policial oficial?

— Não, não estou — e apesar das circunstâncias, os lábios quise-ram-lhe tremer. — Eu só disse para manteres os ouvidos bem atentos — Eve bateu com um dedo no peito dele. — E não me atrapalhes. Estou de serviço.

Eve virou costas quando ouviu o ruído austero do que só podiam ser sapatos de polícia.

Os sapatos de Peabody estavam de tal forma engraxados que Eve via o brilho do outro lado do palco. O casaco de inverno da sua farda estava abotoado até ao pescoço de um corpo robusto. Tinha o chapéu num ângulo preciso em cima do seu cabelo escuro e liso.

Atravessaram o palco vindas de lados opostos e encontraram-se junto ao corpo.

— Olá, Dra. Mira — Peabody olhou para o corpo e contraiu os lábios. — Foi uma noite de estreia e peras.

Eve estendeu a mão para agarrar o conjunto de campo. — Começa a gravar, Peabody.

— Sim, Tenente — como estava calor sob as luzes do palco, Peabody tirou o casaco, dobrou-o e colocou-o de lado. Prendeu o gravador ao colarinho do casaco da farda.

— A gravar — disse ela consoante Eve revestia as mãos e os sapatos de cerimónia com Selante.

— Tenente Eve Dallas, no local do crime, palco do teatro New Globe. Também presentes estão a Agente Delia Peabody e a Dra. Charlotte Mira. A vítima é Richard Draco, homem mestiço, com cerca de quarenta, cinquenta anos.

Ela agachou-se e com os dedos revestidos pegou na faca. — Ferimento infligido por aquilo que parece ser uma faca de cozinha comum, lâmina dentada, com cerca de vinte centímetros de comprimento.

— Eu meço e guardo a faca, Tenente.

— Ainda não — murmurou Eve. Examinou a faca, tirou os óculos microscópicos e examinou-a novamente do cabo à ponta. — A análise inicial não revela qualquer mecanismo de recolha da lâmina em caso de impacto. Não se trata de um adereço.

Eve puxou os óculos para cima e deixou-os ficar na cabeça. — Se não é um adereço, não foi acidente — Eve passou a faca para a mão revestida de Peabody. — Foi homicídio.

— Preciso de si —, disse Eve a Mira enquanto os elementos da Polícia Científica investigavam o local do crime. O corpo de Draco já estava dentro de um saco, já tinha sido identificado e enviado para a morgue.

— Em que posso ajudá-la?

— Temos umas duas dúzias de agentes a registar nomes e moradas de espetadores — Eve não queria pensar nas horas de trabalho, nas montanhas de papelada que envolveria interrogar duas mil testemunhas. — Mas quero começar o processo de interrogatório dos atores principais antes de os dispensar esta noite. Não quero que nenhum deles fale com um advogado antes de eu perceber melhor o esquema.

Tudo às claras, pensou Eve ao analisar o palco, o cenário, as filas sucessivas de bancos de veludo opulento nos quais se sentara um público arrebatado.

Alguém mantinha uma atitude descontraída e arrogante. E inteligente.

— As pessoas sentem-se à vontade consigo — desenvolveu ela. — Quero que Arena Mansfield se sinta à vontade.

— Farei o possível.

— Obrigada. Peabody, tu vens comigo.

Eve atravessou o palco até às alas. Havia agentes espalhados por toda a área dos bastidores. Os civis estavam enfiados em salas fechadas ou amontoados em pequenos grupos patéticos.

— Achas que é possível impedir que a comunicação social saiba disto até amanhã de manhã?

Peabody olhou para Eve. — Nem pensar, mas é uma ideia otimista da sua parte.

— Sim. Agente — Eve fez sinal a um agente. — Quero guardas colocados em todas as entradas e saídas.

— Já está tratado, Tenente.

— Quero os guardas cá dentro. Ninguém sai do edifício, nem mesmo polícias. Ninguém entra, especialmente jornalistas. Entendido?

— Sim, Tenente.

Um corredor curvava para além da ala e afunilava. Eve perscrutou a porta, achando alguma piada às estrelas douradas afixadas em várias de-

las. Também se via placas com nomes. Eve parou junto à porta de Areena Mansfield, bateu brevemente e depois entrou.

Limitou-se a arquear as sobrancelhas quando viu Roarke sentado num sofá-cama de azul real, segurando a mão de Areena.

A atriz ainda não tirara a maquiagem e, apesar de as lágrimas a terem deixado uma lástima, ainda assim estava linda. Dirigiu o olhar num ápice para Eve e este ficou instantaneamente repleto de medo.

— Meu Deus. Meu Deus, vou ser detida?

— Preciso de lhe fazer algumas perguntas, Miss Mansfield.

— Não me deixaram mudar de roupa. Disseram que não podia. O sangue dele — as mãos dela tremiam em frente ao fato, de punhos fechados. — Não aguento mais.

— Lamento. Dra. Mira, importa-se de ajudar Miss Mansfield a tirar o fato? Peabody vai colocá-lo num saco para análise.

— Claro.

— Roarke, vamos conversar lá fora, por favor — Eve recuou até à porta e abriu-a.

— Não te preocupes, Areena. A Tenente vai deslindar isto — após apertar de modo consolador a mão de Areena, Roarke levantou-se e passou por Eve.

— Pedi-te que mantivesses os ouvidos atentos e não que namorasses com uma das suspeitas.

— Tentar manter uma mulher histérica lúcida não é propriamente o mesmo que namorar — Roarke suspirou. — Já bebia um grande copo de *brandy*.

— Vai para casa e bebe um. Não sei quanto tempo vou demorar.

— Acho que posso encontrar aquilo de que preciso aqui.

— Vai para casa — repetiu ela. — Não há nada que possas fazer aqui.

— Não sou suspeito — acrescentou ele com uma voz calma — e este teatro é meu. Posso entrar e sair quando me apetecer.

Roarke deslizou um dedo pela face de Eve e afastou-se.

— Fazes sempre o que te apetece — resmungou ela e depois voltou para o camarim.

Eve achou que «camarim» era um termo muito pobrezinho para um espaço tão grande, tão opulento. Um longo balcão de tom creme tinha uma floresta de potes, tubos, varetas, frascos, todos eles dispostos com uma precisão militar. Sobre tudo isto brilhava um espelho triplo largo orlado de luzes brancas estreitas.

Tinha um sofá-cama, várias cadeiras confortáveis, um AutoChef completo e uma unidade refrigeradora, um minissistema de comunicação em bom estado. O guarda-fatos encontrava-se numa área de vestir extensa,

que agora estava aberta e Eve reparou nos fatos e roupas de rua tão minuciosamente dispostos como a maquiagem.

Em todas as mesas, agrupadas no chão, havia flores. A fragância excessiva no ar fez Eve pensar em casamentos. E em funerais.

— Obrigada. Muito obrigada — Areena tremia ligeiramente consoante Mira a ajudou a tirar o longo vestido branco. — Não sei quanto mais tempo teria aguentado... Gostaria de tirar a maquiagem — esta levou a mão ao pescoço. — Gostaria de me sentir eu mesma.

— Esteja à vontade — Eve sentou-se numa das cadeiras. — Este interrogatório será gravado. Compreende?

— Não compreendo nada — com um suspiro, Areena sentou-se no banco estofado em frente ao seu espelho de caracterização. — Parece que não consigo pensar, é como se tudo acontecesse mais devagar do que deveria.

— É uma reação muito normal — garantiu-lhe Mira. — Muitas vezes ajuda falar do evento que provocou o choque, rever os detalhes para que se lide com eles. Para que sejam arrumados.

— Sim, deduzo que tenha razão — desviando o olhar para o espelho, esta observou Eve. — Tem de me interrogar e tem de gravar tudo. Muito bem. Quero despachar isso.

— Podes gravar, Peabody. Tenente Eve Dallas a interrogar Areena Mansfield no camarim desta última no teatro New Globe. Também presentes estão a agente Delia Peabody e a Dra. Charlotte Mira.

Enquanto Areena colocava creme na maquiagem, Eve recitava-lhe os seus direitos revistos. — Está ciente dos seus direitos e responsabilidades, Miss Mansfield?

— Sim. É outra parte do pesadelo — esta fechou os olhos e tentou visualizar um campo branco puro, tranquilo, sereno. E só via sangue. — Ele morreu mesmo? O Richard morreu mesmo?

— Sim.

— Eu matei-o. Apunhalei-o — o calafrio percorreu-a dos ombros para baixo. — Uma dúzia de vezes — disse ela abrindo os olhos novamente para ver Eve no meio do espelho triplo. — Ensaíamos esta cena pelo menos uma dúzia de vezes. Coreografámo-la com imenso cuidado para conseguir o maior impacte possível. O que correu mal? Porque é que a faca não recolheu? — nos seus olhos vislumbrou-se o primeiro sinal de revolta. — Como é que isto aconteceu?

— Vamos rever todos os passos. A cena. Você é a Christine. Protegeu-o, mentiu por ele. Arruinou a sua vida por causa dele. Depois de tudo isso, ele dá-lhe com os pés e exhibe outra mulher, mais nova, mesmo à sua frente.

— Eu amava-o. Era a minha obsessão, o meu amante, o meu esposo, o meu filho, era tudo — esta encolheu os ombros. — Acima de tudo, Christine amava Leonard Vole. Sabia o que ele era, o que ele fazia. Mas não lhe fazia diferença. Teria morrido por ele, de tão profundo e obsessivo que era o seu amor.

Mais calma, Areena atirou com os lenços usados para a calha de reciclagem e virou o banco. A sua cara estava pálida como mármore e os seus olhos, vermelhos e inchados. Mas ainda assim, irradiava beleza.

— Nesse momento, todas as mulheres do público a entendem. Se ainda não sentiram esse tipo de amor, algures dentro delas desejam já ter sentido. Por isso quando Christine se apercebe que depois de tudo o que fez, ele a despacha sem pestanejar, quando ela percebe realmente o que ele é, ela agarra na faca.

Areena levantou um punho como se segurasse no cabo. — Desespero? Não, ela é mulher de ação. Jamais é passiva. É um instante, um impulso, mas é um impulso que lhe vem da medula. Ela crava-lhe a faca enquanto o beija. Amor e ódio, ambos na forma mais elevada, ambos dentro dela nesse instante.

Olhou para a mão que esticara e esta começou a tremer. — Meu Deus. Meu Deus! — num gesto nervoso, abriu repentinamente uma gaveta da sua cómoda.

Eve levantou-se, agarrando o pulso de Areena num ápice.

— Eu... um cigarro — conseguiu ela dizer. — Sei que não devia fumar dentro do edifício, mas apetece-me um cigarro — Areena empurrou a mão de Eve. — Apetece-me um cigarro, porra.

Eve olhou para a gaveta e viu o dispendioso maço de cigarros herbais. — Estamos a ser gravadas. Vai ser automaticamente multada — mas ela recuou.

— Os meus nervos — brincou com o isqueiro até Mira se aproximar, delicadamente lho tirar dos dedos e o apagar lentamente. — Desculpe. Normalmente não sou tão... frágil. O teatro arrasa com a nossa fragilidade num instante.

— Está a ir muito bem — Mira manteve o tom de voz baixo e calmo. — Rever tudo com a Tenente Dallas vai ajudar.

— Não sei o que dizer — Areena olhou para Mira com a confiança que Eve desejava ver irradiada dos seus olhos. — Simplesmente aconteceu.

— Quando pegou na faca — interrompeu Eve — reparou em alguma coisa diferente?

— Diferente? — Areena pestanejou consoante voltou a olhar para Eve. — Não. Estava precisamente onde devia estar, com o cabo virado para mim para fazer um movimento rápido e fluído. Agarrei nela para permitir que

o público tivesse aquele instante de choque ao ver a lâmina. A iluminação foi pensada para incidir nela, para fazer reluzir o gume. Depois ataquei. São apenas dois passos da mesa até ao Richard. Pego no braço direito dele, entre o cotovelo e o ombro, com a minha mão esquerda, segurando-o, puxando-o com a direita e depois... o impacto — disse ela após fazer novamente uma longa pausa. — A faca falsa de encontro ao peito dele liberta o saco de sangue falso. Ficamos ali um instante, apenas dois segundos, intimamente, antes de os outros atores em palco correrem para me afastarem dele.

— Que relação tinha com Richard Draco?

— O quê? — os olhos de Areena ficaram vítreos.

— A sua relação com Draco. Fale-me dela.

— Com Richard? — Areena premiu os lábios um de encontro ao outro, com a mão a percorrer a área entre os seus peitos para massajar a base do pescoço como se as palavras aí estivessem presas, como se pronunciasse Rs guturais. — Conhecemo-nos há vários anos, já tínhamos trabalhado juntos... o nosso trabalho mais recente foi numa produção londrina de *Twice Owned*.

— E pessoalmente?

Houve uma hesitação, mínima, mas Eve reparou e registou.

— Éramos bons amigos — disse-lhe Areena. — Como já disse, conhecemo-nos há anos. A comunicação social londrina incentivou um romance entre nós durante o último trabalho. A peça era um romance. Nós aproveitámos a fama. Vendia bilhetes. Eu na altura era casada, mas isso não impediu que o público nos visse como um casal. Nós achámos piada.

— Mas nunca chegaram realmente a ter uma relação.

— Eu era casada e suficientemente inteligente, Tenente, para saber que o Richard não era o tipo de homem pelo qual valesse a pena estragar um casamento.

— Porque diz isso?

— É um grande ator. Era — corrigiu ela e engoliu em seco antes de dar um último trago no cigarro. — Não era um ser humano especialmente bom. Sei que parece uma coisa mazinha e horrível de ser dizer — esta levou novamente a mão ao pescoço, os dedos irrequietos de encontro à carne. — Sinto-me mazinha e horrível ao dizer isto, mas... quero ser o mais honesta possível. Tenho receio. Tenho um medo de morte que pense que fiz isto de propósito.

— De momento não penso nada. Quero que me fale de Richard Draco.

— Está bem, está bem — ela inspirou e sugou o cigarro como se de uma palha se tratasse. — Os outros vão dizer-lho de qualquer modo. O Richard era muito virado para si, egocêntrico, como muitos... como é a

maioria dos atores. Não lhe levava isso a mal. E não hesitei em trabalhar com ele nesta peça.

— Sabe de mais alguém que, achando que ele não era grande ser humano, poderia estar ressentido com ele?

— Imagino que Richard tenha insultado ou ofendido toda a gente ligada a esta produção em alguma altura — esta premiu a ponta de um dedo contra o canto interior do olho, como que para aliviar alguma pressão. — Certamente havia ressentimentos, queixas, comentários e rancores. O teatro é mesmo assim.

O teatro, na opinião de Eve, era um meio louco. As pessoas choravam copiosamente, faziam monólogos desconexos quando qualquer advogado mentecapto os teria aconselhado a dizer apenas sim, não e a estar caladinhos. Eles expunham, expandiam-se e muitos deles conseguiam transformar a morte de um colega num drama no qual eles próprios eram protagonistas.

— É quase tudo tretas, Peabody.

— Acho que sim — Peabody atravessou a área dos bastidores tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. — Mas é giro. Aquelas luzes todas, o quadro holográfico e têm uns fatos magníficos, para quem gosta de coisas antigas. Não acha que seria fantástico estar ali com aquela gente toda a olhar para nós?

— Seria assustador. Vamos ter de liberar alguns deles antes que comecem a reivindicar os seus direitos civis.

— Detesto quando isso acontece.

Eve sorriu afetadamente e leu o seu bloco de memorandos. — Até agora temos uma ideia interessante da vítima. Ninguém quer admiti-lo, mas não era nada querido. Mesmo quando não querem admiti-lo, admitem-no ao mesmo tempo que limpam as lágrimas. Vou dar aqui uma vista de olhos. Vai avisar os agentes para deixarem as pessoas saírem. Certifica-te de que temos todos os dados pertinentes acerca dessas pessoas, que foi emitido o aviso padrão. Marca interrogatórios para amanhã.

— Na Central ou nas residências dos interrogados?

— Vamos manter a coisa mais ligeira e vamos ter com eles. Por agora. Após marcares os interrogatórios, estás dispensada. Vai ter comigo à Central às 08h00m.

Peabody mexeu os pés. — Vai para casa?

— Hei de ir eventualmente.

— Eu posso ficar até a Tenente ir.

— Não adianta. Mais vale começarmos amanhã com a cabeça fres-

ca. Só preciso que marques os interrogatórios. Quero falar com o máximo de pessoas o mais depressa possível. E quero interrogar novamente Areena Mansfield.

— Sim, Tenente. Belo vestido — acrescentou ela ao guardar o registo de memorandos. — Tem de limpar o sangue e a gosma dos elementos da Polícia Científica da saia, senão isso nunca mais sai.

Eve olhou para baixo e resmungou com a coluna preta e elegante de tecido. — Raios partam. Detesto não estar devidamente vestida quando trabalho — Eve virou-se e embrenhou-se nos bastidores, onde um agente estava parado junto a um grande armário trancado.

— Chave — esta estendeu uma mão enquanto o agente tirou uma chave de dentro de um saco de provas. — Alguém tentou entrar aqui?

— O aderecista voltou, um tipo velho, bastante abalado. Mas não me deu problemas.

— Ótimo. Vá lá à frente dizer aos elementos da Polícia Científica que poderão analisar esta área dentro de dez minutos.

— Sim, Tenente.

Sozinha, Eve destrancou o armário e abriu as portas duplas. Fez uma careta, reparando no maço de charutos, no telefone antigo e em mais alguns outros itens arrumadinhos numa área assinalada como Escritório de *Sir Wilfred*.

Outra parte tinha adereços usados na cena do bar. A secção do tribunal estava vazia. Aparentemente o aderecista era muito cuidadoso com a substituição e arrumação dos seus adereços e fazia-o imediatamente após terminar a cena em que eram necessários.

Alguém tão meticoloso não teria confundido uma faca de cozinha com uma faca falsa.

— Tenente Dallas?

Eve olhou para trás e viu a jovem morena do último ato a surgir das sombras das alas para ser iluminada pelas luzes dos bastidores. Já tirara o fato e trazia um fato-macaco preto simples. O cabelo fora penteado, já não tinha a ondulação forte e pendia liso, com um castanho opulento, até ao meio das suas costas.

— Espero não estar a perturbar o seu trabalho — tinha um ligeiro sotaque, suave e sulista, e um sorriso fácil no rosto consoante se aproximou. — Contava dar-lhe uma palavrinha. A sua auxiliar disse-me que estava dispensada, de momento.

— Sim, correto — Eve tentou lembrar-se do programa que lera após o homicídio. — *Miss Landsdowne*.

— Carly Landsdowne, Diane nesta produção trágica — esta desviou os seus grandes olhos azuis para o armário. — Espero que não ache que o

Pete teve alguma coisa que ver com o que aconteceu ao Richard. O velho do Pete não faria mal a uma mosca irritante.

— Pete é o aderecista?

— Sim, mais inofensivo não há. O mesmo não se pode dizer de toda a gente neste pequeno circo.

— Obviamente. Deseja alguma coisa especificamente?

— Só queria dizer aquilo que duvido que a maioria diga, pelo menos inicialmente. Toda a gente detestava o Richard.

— Incluindo a senhora?

— Sem dúvida — ela disse-o com um sorriso iluminado. — Sempre que podia não respeitava as nossas falas, ocupava a nossa posição em palco, fazia tudo para concentrar a atenção nele e não nos outros. Fora do palco, era um vermezinho desprezível. O mundo dele girava à volta de uma coisa, do seu próprio ego.

Ela encolheu delicadamente os ombros. — Alguém acabará por lho dizer, por isso, achei que seria melhor sabê-lo por mim. Fomos amantes durante um breve período. Terminou há umas duas semanas com uma cena lamentável. Richard gostava de fazer ceninhas lamentáveis e encenou esta para obter o máximo impacto. Foi durante o nosso primeiro ensaio completamente caracterizados.

— Deduzo que ele tenha terminado a relação.

— Sim — ela disse-o como se nada fosse, mas o brilho nos seus olhos verdes dizia a Eve que o ressentimento ainda lá estava. — Fez tudo para me seduzir e quando conseguiu, fez tudo para me humilhar em frente do elenco e da equipa. Esta foi a minha primeira produção da Broadway.

Carly olhou em redor e apesar de ter os lábios curvados, o seu sorriso era tão lacerante como vidro partido. — Eu era ingénua, Tenente, mas amadureci rapidamente. Não vou dar-me ao trabalho de dizer que lamento a morte dele, mas direi que não acho que valesse a pena matá-lo.

— Estava apaixonada por ele?

— Não tenho espaço para o amor nesta fase da minha carreira, mas estava... deslumbrada. Tão deslumbrada como a minha personagem estaria por Leonard Vole. Duvido de que algum dos participantes nesta produção não tivesse algum ressentimento contra Richard. Eu quis ser sincera em relação aos meus.

— Agradeço-lhe. Disse que ele a humilhou. Em que sentido?

— Na última cena que fez, naquela em que entro na sala de tribunal com ele e este confronta Christine, interrompeu as minhas falas e saiu disparado pelo palco a dizer que eu me expressava sem sentimento.

Ela tinha os lábios comprimidos e os olhos meio fechados. — Comparou a falta de paixão e estilo ao meu desempenho na cama. Disse que eu

era uma pacóvia desmiolada que tentava compensar a falta de talento com uma aparência algo atraente e um bom par de mamas.

Carly ajeitou o cabelo para trás, um gesto preguiçoso que contrastava diretamente com a fúria acesa nos seus olhos. — Disse que eu era enfadonha e apesar de o ter entretido durante uns tempos, se eu não tinha capacidade para representar, iria certificar-se de que eu seria substituída por alguém que tivesse.

— É isso apanhou-a completamente desprevenida?

— Ele era uma víbora. As víboras atacam depressa porque são cobardes. Eu ripostei com alguns golpes, mas não me saí muito bem. Não estava preparada e fiquei envergonhada. Richard saiu disparado do palco e trancou-se no camarim dele. O assistente do encenador foi tentar acalmá-lo e repetimos a cena com o substituto de Richard.

— Quem é o substituto?

— Michael Proctor. Já agora, ele é muito bom.

— E se a peça voltar a ser apresentada, ele vai assumir o papel?

— Isso tem de perguntar aos produtores, deduzo eu. Mas não me espantaria, pelo menos a curto prazo.

— Obrigada pela informação, *Miss Landsdowne* — e tanta informação, não solicitada, era sempre suspeita.

— Não tenho nada a esconder — mexeu novamente os ombros e manteve aqueles grandes olhos verdes atentamente pousados na cara de Eve. — E se tivesse, deduzo que você descobriria. Já ouvi falar bastante acerca da esposa-polícia de Roarke nos últimos meses. É preciso ter alguma arrogância, não acha, para escolher uma noite em que você está na assistência para cometer um crime?

— É preciso arrogância para tirar a vida a outra pessoa. Eu depois contato-a, *Miss Landsdowne*.

— Não duvido.

Eve esperou que a mulher estivesse perto das alas.

— Só mais uma coisa.

— Sim?

— Também não gosta muito de Areena Mansfield.

— Não tenho grande afeto por ela — Carly inclinou a cabeça, arqueou acentuadamente uma sobrancelha. — Porque pergunta?

— Não teve muita pena dela quando ela desmaiou.

O sorriso regressou, suficientemente iluminado para ser notado nas últimas filas. — Foi um desmaio muito gracioso, não foi? Atores, Tenente Dallas, não se pode confiar neles.

Desviando casualmente o cabelo, ela saiu.

— Pois bem — murmurou Eve —, quem está a representar?

— Tenente — um elemento da Polícia Científica, uma jovem de cara lavada, aproximou-se de Eve. O seu fato-macaco protetor largo fazia sons sibilantes a cada passo. — Tenho aqui um brinquedinho que certamente vai querer ver.

— Ora, ora — Eve pegou no saco de provas, contraiu os lábios ao estudar a faca. Através do plástico transparente ela tocou na ponta da lâmina com o dedo e sentiu-a recolher. — Onde encontrou isto... — Eve procurou o nome cosido no peito do fato-macaco de um cinzento-escuro. — Lombowsky.

— Numa jarra cheia de rosas vermelhas de pé longo. Eram bonitas. A divisão estava cheia delas, parecia um funeral estatal ou coisa assim. Era o camarim de Areena Mansfield.

— Bom trabalho.

— Obrigada, Tenente.

— Sabe onde está Mansfield?

— Está na sala do elenco. O seu companheiro está com ela.

— A Peabody?

— Não, Tenente, o seu esposo — Lombowsky esperou que Eve fizesse uma careta olhando para a faca falsa até se atrever a arquear as sobrancelhas. Fora a primeira vez que vira Roarke de perto e achou-o deslumbrante.

— Acabe a busca, Lombowsky.

— É para já, Tenente.

Eve saiu do palco e apanhou Peabody a sair de um camarim. — Já marquei quatro interrogatórios.

— Está bem. Houve mudança de planos para esta noite — Eve levantou a faca falsa. — Os elementos da Polícia Científica encontraram isto no camarim de Mansfield, escondida no meio de umas rosas.

— Vai acusá-la?

— O advogado conseguiria libertá-la antes que chegássemos à Central. Parece fácil demais, não parece, Peabody? Ela mata-o em frente a uma casa cheia e esconde a faca falsa no próprio camarim. Muito certinho ou muito estúpido — Eve virou o saco de provas nas mãos. — Vejamos o que ela tem a dizer sobre o assunto. Onde fica a sala do elenco?

— No piso inferior. Podemos ir de escadas.

— Está bem. Percebes alguma coisa de atores?

— Claro. Os *Free-Agers* destacam-se em todas as artes. A minha mãe fez um pouco de teatro quando eu era miúda e dois primos meus são atores. Fazem algumas peças e umas coisitas para o pequeno ecrã. E a minha bisavó era artista em São Francisco antes de se reformar. E depois há também...

— Está bem, pronto — abanando a cabeça, Eve desceu ruidosamente as escadas. — Como é que aguentaste ter tanta gente na tua vida?

— Eu gosto de pessoas — disse Peabody alegremente.

— Porquê?

Dado tratar-se de uma pergunta que não precisava de resposta, Peabody gesticulou para a esquerda quando chegaram ao fundo das escadas.
— Você também gosta de pessoas, só finge ser rezingona.

— Mas eu sou rezingona. Se e quando eu dispensar Mansfield, ou quando ela arranjar advogado, quero que a mantenha debaixo de olho. Se for para casa e lá ficar, chama dois agentes para vigiar a casa dela. Temos indícios suficientes para aprovarem o pedido de vigilância. Quero saber onde ela vai e o que faz.

— Quer que verifique já os antecedentes dela?

— Não, eu trato disso.

Eve abriu a porta da sala. Tal como tudo o que tinha o dedo de Roarke, não era pobre. Obviamente ele queria proporcionar conforto aos talentosos e não poupava dinheiro para o garantir.

Havia duas áreas de estar separadas com sofás faustosos flanqueados por empregados droides. A divisão era disposta em L, havendo na parte mais curta um AutoChef que Eve deduziu estar cheio, um frigorífico de porta transparente com uma variedade de bebidas frescas e uma mesa pequena, à parte, com um pequeno computador elegante.

Roarke estava, na opinião de Eve, aconchegadamente aninhado ao lado de Areena na área de estar à direita, girando um copo de *brandy*. O olhar dele, esse azul trovejante, foi direcionado para a cara da sua esposa, brilhando, e lembrou-lhe a primeira vez que esta o vira, cara a cara.

Nessa ocasião não estava a tomar conta de uma suspeita de homicídio. O suspeito era ele.

Os lábios de Roarke curvaram-se para esboçar um sorriso preguiçoso e confiante. — Olá, Peabody —, disse ele, mas manteve o olhar posto na cara de Eve.

— Tenho mais algumas perguntas para lhe fazer, *Miss Mansfield*.

Areena olhando para cima, para Eve, pestanejou e abanou com as mãos. — Mas eu julgava que por hoje já tínhamos terminado. Roarke acabou de providenciar transporte para me levar para a minha *penthouse*.

— O transporte pode esperar. Podes gravar, Peabody. Precisa que lhe lembre os seus direitos e obrigações relativos a esta investigação, *Miss Mansfield*?

— Eu... — a mão trémula pousou-a sobre o pescoço e aí permaneceu. — Não, só não sei que mais lhe dizer.

— Reconhece isto? — Eve atirou com a faca falsa dentro do saco selado para cima da mesa que estava entre elas.

— Parece... — a sua mão, ainda irrequieta, estendeu-a e depois, fe-

chando o punho, recuou-a. — É a faca falsa. É o adereço que devia estar no cenário quando... Meu Deus. Onde a encontrou?

— No seu camarim, enfiada entre rosas vermelhas.

— Não, não — muito lentamente, Areena abanou a cabeça de um lado para o outro. Cruzou os braços sobre o peito, os dedos ferrados nos ombros. — Não é possível.

Se era encenação, pensou Eve, então era muito boa. Os olhos estavam vítreos, os lábios e dedos tremiam. — Não só é possível como é um facto. Como lá foi parar?

— Não sei. Garanto-lhe que não sei — num acesso repentino de energia, Areena colocou-se de pé. Já não tinha os olhos vítreos, estavam desorientados e rodopiavam. — Alguém a colocou lá. Foi lá posta por quem trocou as facas. Querem incriminar-me pela morte de Richard. Querem que pague por isso. Céus, já não bastou eu tê-lo matado?

Areena estendeu a mão, uma *Lady Macbeth*, olhando o sangue já limpo.

— Porquê? — a voz de Eve era fria e inexpressiva. — Porque não se limitaram a atirar com o adereço para um canto, para um caixote de reciclagem? Porque haveriam de escondê-la no seu camarim?

— Não me ocorre... ninguém que me odiasse tanto. E Richard... — as lágrimas reluziram, caíram magnificamente consoante esta se virou. — Roarke. Tu conheces-me. Por favor, ajuda-me. Diz-lhe que seria incapaz de cometer este ato terrível.

— Sejam quais forem as respostas, ela há de descobri-las — ele levantou-se, permitindo que ela se aninhasse nos seus braços para chorar, consoante Roarke observava a esposa por cima da cabeça de Areena. — Podes estar descansada. Pode, não pode, Tenente?

— És o representante dela? — respondeu Eve bruscamente, arqueando a sobancelha.

— Quem, além da senhora, tem acesso ao seu camarim, *Miss Mansfield*?

— Não sei. No fundo qualquer pessoa do elenco e da equipa. Não o mantenho trancado. Não é conveniente — com a cabeça ainda pousada no ombro de Roarke, Areena fez inspirações constantes.

— Quem lhe enviou as rosas vermelhas? E quem as levou ao camarim?

— Não sei. Havia tantas flores. A minha ajudante ficou com os cartões. Deve ter marcado o tipo em cada um deles. Um dos moços de recados trouxe algumas das entregas. Houve gente a entrar e sair até meia-hora antes do subir do pano. Foi então que deixei de receber visitas para me preparar.

— Voltou ao camarim após a cena inicial e depois disso para mudar de fato ao longo da peça.

— Correto — mais calma, Areena afastou-se de Roarke e encarou Eve. — Mudo cinco vezes de fato. A minha ajudante estava comigo. Esteve comigo no camarim sempre que mudei de roupa.

Eve tirou o bloco de memorandos. — Como se chama a sua ajudante?

— Tricia. Tricia Beets. Ela dir-lhe-á que não escondi o adereço. Ela diz-lhe. Pergunte-lhe.

— É o que farei. A minha auxiliar irá acompanhá-la à *penthouse*.

— Estou dispensada?

— De momento. Eu depois contato-a. Podes parar de gravar, Peabody. Acompanha *Miss Mansfield* a casa.

— Sim, Tenente.

Areena agarrou no casaco que pendurara no braço do sofá e entregou-o a Roarke de um modo que Eve não poderia ter deixado de apreciar. Tão feminina, tão tranquilamente confiante que um homem estaria disponível para a agasalhar.

— Quero que apanhe o culpado, Tenente Dallas. Quero muito. E mesmo nessa altura, mesmo quando castigarem a pessoa que engendrou isto, saberei sempre que foi pela minha mão que ele morreu. Saberei sempre isso.

Ela esticou o braço para trás, tocou no dorso da mão de Roarke com os dedos. — Obrigada, Roarke. Não teria sobrevivido a esta noite sem ti.

— Descansa, Areena.

— Espero conseguir descansar — de cabeça baixa, saiu da sala com Peabody seguindo-a vigorosamente.

Carrancuda, Eve pegou no saco de provas e colocou-o no conjunto de campo. — Ela gostaria de retificar que não dormiste com ela.

— Achas?

O ténue vestígio de diversão na voz de Roarke foi suficiente para a animar novamente. — E tu engoles isso tudo, não engoles?

— Os homens são uns porcos — Roarke avançou e passou os dedos pela face dela. — Estás com ciúmes, querida Eve?

— Se tivesse ciúmes de todas as mulheres com quem já fizeste sexo, juntamente com todas as que gostariam que tivesses feito ou faças, passava a vida roxa de inveja.

Eve começou a virar-se e afastou-lhe a mão quando ele lhe agarrou no braço. — Larga-me.

— Não me parece — para o provar, agarrou-lhe no outro braço e puxou-a firmemente contra si. Na cara de Roarke um sorriso e também, maldito, uma ternura contra a qual ela não tinha defesas. — Amo-te, Eve.

— Pois, pois.

Ele riu-se, inclinou-se e mordeu-lhe gentilmente o lábio inferior. — Sua pateta romântica.

— Sabes qual é o teu mal, campeão?

— Porque não me dizes?

— És um orgasmo ambulante — Eve teve o prazer de ver os olhos dele arregalarem-se.

— Isso não me parece grande elogio.

— Não era um elogio — era muito raro conseguir penetrar aquela polidez elegante e afetá-lo, pensou Eve. Era por isso mesmo que lhe dava tanto gosto. — Vou falar com a ajudante de Miss Mansfield, para ver se ela confirma a história. Depois fico despachada por hoje. A caminho de casa posso começar a confirmar o passado de alguns dos envolvidos.

Roarke foi recuperar o seu casaco e o de Eve, bem como o seu equilíbrio. — Acho que vais estar demasiado ocupada pelo caminho para verificares dados.

— Porquê?

Roarke colocou o casaco ao alto antes que ela conseguisse agarrar nele e colocá-lo sobre os ombros. Revirando os olhos, Eve voltou-se e enfiou os braços nas mangas. Depois soltou um som engasgado quando ele lhe sussurrou uma sugestão particularmente imaginativa ao ouvido.

— Não sei se consegues fazer isso no banco traseiro de uma limusina.

— Queres apostar?

— Vinte.

Ele pegou-lhe na mão para a conduzir para a rua. — Apostado.

Eve perdeu, mas foi dinheiro bem gasto.

“Se tiver mesmo de ser feito, ao menos que seja de uma vez.”

Pois bem, já está, feito bem e rapidamente. E atrevo-me a citar da “peça escocesa” enquanto me encontro só. Homicida. Ou, como foi Christine Vole na nossa peça inteligente, serei apenas carrasco?

É tolice minha registar os meus pensamentos. Mas esses pensamentos são tão latentes, tão portentosos, tão brilhantemente coloridos que me pergunto se o mundo não os verá irromper da minha mente. Acho que falar em voz alta onde ninguém me consegue ouvir poderá apaziguá-los. Esses pensamentos têm de ser silenciados, enterrados. Esta é uma altura precária. Tenho de me controlar.

Os riscos foram medidos antes da execução do ato, mas como poderia eu saber, como poderia eu ter imaginado como seria vê-lo morto e a sangrar no meio do palco? Tão quieto. Estava tão quieto, banhado pelas luzes brancas.

O melhor é não pensar nisso.

Agora tenho é de pensar em mim. Há que ter cautela e inteligência. Tenho de manter a calma. Não cometi quaisquer erros. Não posso cometê-los agora. Vou manter os meus pensamentos para mim, bem escondidos no meu coração.

Ainda que estes regozijem ruidosamente.

Richard Draco morreu.

Dado o estado do equipamento à sua disposição na Central de Polícia, Eve poupou bastante frustração e fez as primeiras verificações em casa. Roarke adorava os seus brinquedos e os sistemas informáticos e de comunicações do escritório de Eve em casa, comparados com a sucata da Central, pareciam algo do segundo milénio.

E praticamente eram.

Andando pelo escritório com a sua segunda chávena de café, ouvia consoante o computador enumerava os detalhes oficiais da vida de Areena Mansfield.

Areena Mansfield, nascida Jane Stoops, em 8 de Novembro de 2018, em Wichita, Kansas. Filha de Adalaide Munch e Joseph Stoops, união de coabitação dissolvida em 2027. Um irmão, Donald Stoops, nascido a 12 de Agosto de 2022.

Deixou que fossem debitados os dados de instrução por uma questão formal, tudo normal segundo Eve conseguiu perceber, até à matrícula no Instituto de Artes Dramáticas de Nova Iorque com quinze anos.

Pirou-se do Kansas mal pôde, pensou Eve, e esta não podia censurá-la. Mas o que faziam lá as pessoas com tanto trigo e milho?

Areena começou cedo a reunir créditos profissionais. Foi modelo em adolescente, fez várias peças, uma breve passagem por Hollywood antes de regressar ao teatro.

— Sim, sim, blá, blá, blá — Eve dirigiu-se à sua máquina. — Computador, procurar e listar quaisquer cadastros criminais, todas as detenções.

A processar...

O computador zumbiu com uma eficiência silenciosa. Eve esboçou um sorriso de escárnio ao compará-lo com o monte inútil de circuitos integrados que tinha de aturar na Central.

— Hoje em dia é preciso ser-se casado com um bilionário para ter ferramentas decentes.

Procura concluída...

Posse de narcóticos, Nova Los Angeles, 2040.

— Assim está bem — intrigada, Eve sentou-se atrás da secretária. —
Prosseguir.

Do acordo resultou liberdade condicional com reabilitação obrigatória comum. A pena foi cumprida no Centro de Reabilitação Keith Richard, Nova Los Angeles.

Consumo de narcóticos com acusações complementares de atentado ao pudor, Cidade de Nova Iorque, 2044. Ordenada segunda reabilitação, cumprida na Clínica New Life, Cidade de Nova Iorque.

Não existem quaisquer outras atividades criminosas registadas no ficheiro do sujeito.

— Já é bom. Qual era a droga de eleição?

A processar... O ficheiro indica uma combinação de Ecstasy e Zoner em ambas as detenções.

— É o suficiente para ficar fora de si, não é?

Reformule a consulta.

— Esquece. Procurar e enumerar dados de coabitação e/ou matrimónio.

A processar... Certidão de união de facto formal emitida em Nova Los Angeles em nome de Areena Mansfield e Broderic Peters entre Junho de 2048 até Abril de 2049, união dissolvida por mútuo acordo. Certidão de casamento emitida em Londres, Inglaterra, em nome de Areena Mansfield e Lawrence Baristol em Setembro de 2053. Solicitado divórcio, Mansfield vs. Baristol em Janeiro de 2057, sem contestação e atribuído. Da união de facto e casamento não nasceram filhos.

— Está bem. Procurar e enumerar créditos profissionais em produções com Richard Draco.

A processar... Produção fora da Broadway do drama Broken Wings entre Maio e Outubro de 2038. Mansfield e Richard Draco tiveram papéis secundários enquanto a peça esteve em cena. Pequena produção de vídeo para o pequeno ecrã, Die

for Love, protagonizada por Mansfield e Richard Draco, gravada em Nova Los Angeles, 2040. Produção de vídeo, Nova Iorque, Check Mate, protagonizada por Mansfield e Draco, em Fevereiro de 2044. Produção de London Arts do drama Twice Owned, protagonizada por Mansfield e Richard Draco, entre Fevereiro e Junho de 2054.

— Que sentido de oportunidade interessante — murmurou Eve, esticando o braço ociosamente para coçar as orelhas do gato rechonchudo que saltara para a sua secretária. Enquanto *Galahad* se punha confortável diretamente em frente ao ecrã do computador, Eve viu Roarke entrar pela porta que ligava os seus escritórios pessoais.

— Não me disseste que a Areena tinha vícios ilícitos.

— Conjugaste bem o verbo, *tinha*. É relevante?

— Tudo é relevante. Tens a certeza de que o gosto dela por narcóticos é coisa do passado?

— Que eu saiba não consome há mais de doze anos — quando este se sentou na berma da secretária, *Galahad* deslizou até junto dele para bater com a cabeça contra a mão de dedos esguios de Roarke. — Não acredita em reabilitação, Tenente?

— Casei-me contigo, não casei?

Perante o sorriso rasgado dele, Eve inclinou a cabeça. — Também não me disseste que ela e Draco trabalharam juntos em várias peças.

— Não me perguntaste.

— Duas das suas colaborações profissionais coincidem com a altura em que ela foi detida por posse de narcóticos.

— Ah. Hmmm — Roarke deixou *Galahad* num êxtase felino passando um dedo esguio sobre o seu pelo.

— Até que ponto eram chegados, Roarke?

— Poderão ter-se envolvido. Os boatos apontavam nesse sentido durante o seu último projeto juntos em Londres. Eu só a conheci há alguns anos, quando já estava casada e a viver em Londres. E só a vi com Richard quando fizemos o *casting* para esta peça — Roarke levantou um ombro e serviu-se do resto do café de Eve.

— Quando investigar a vítima, vou encontrar detenções por posse de narcóticos?

— Provavelmente. Se Areena ainda consumia, era discreta e profissional. Não faltou a ensaios, não fez cenas temperamentais. Já em relação a Draco não usaria o termo *discreto*, mas ele fazia o seu trabalho. E se tiveram alguma ligação romântica ou sexual, faziam-no atrás de portas fechadas.

— Ninguém é discreto o suficiente. Se andavam enrolados, alguém

sabia. E se eles andavam a dar umas cambalhotas ou a meter droga no corpo, isso acrescenta perspectivas diferentes.

— Queres que descubra?

Eve levantou-se e inclinou-se para a frente até o seu nariz bater no dele. — Não. Se por acaso não percebeste o que eu acabei de dizer, volto a repetir. Não. Compreendeste?

— Acho que sim. Tenho uma reunião em São Francisco daqui a umas horas. O Summerset sabe como me contatar se precisares de mim.

A careta perante a referência ao auxiliar de campo arrogante de Roarke foi instantânea e sentida. — Não vai ser preciso.

— Devo voltar para casa antes das 21h00m — Roarke levantou-se, deslizando as mãos pelos lados do corpo de Eve, voltando a descer até às suas ancas. — Se chegar depois, aviso.

Eve percebeu que Roarke estava a garantir-lhe que ela não ficaria sozinha à noite, sozinha quando os pesadelos a perseguiram. — Escusas de te preocupar comigo.

— Eu gosto de me preocupar.

Roarke inclinou a cabeça para lhe dar um beijo ao de leve, mas ela mudou o tom, a textura, puxando-o para perto de si, a sua boca quente e sedenta. Nos seus punhos fechados, o cabelo dele e o sangue já lhe fervia antes de ela o soltar.

Sentiu satisfação ao ver que os olhos de Roarke estavam mais escuros e a sua respiração acelerara. — Muito bem. Isso foi a propósito de quê?

— Agrada-me fazê-lo — disse ela e pegou na sua chávena de café vazia. — Até logo — Eve lançou-lhe um sorriso sobre o ombro consoante se dirigiu à cozinha para ir buscar mais café.

Eve ouviu as suas chamadas na unidade de casa, na unidade de palma, no veículo e no seu equipamento no gabinete da Central. Se não tinha feito mal as contas, recebera vinte e três chamadas de jornalistas, que iam desde pedidos educados, implorações, ameaças vagas e pequenos subornos, desde a meia-noite. Seis delas, em locais variados e com um crescente nível de frustração e urgência, eram de Nadine Furst do Canal 75.

Estas até poderiam ser amigas, o que deixava Eve sempre espantada, mas para ambas trabalho era trabalho. Nadine queria uma entrevista exclusiva com a investigadora principal do caso da morte de Richard Draco. Eve só queria apanhar o homicida.

Apagou todas as chamadas da comunicação social, mandou Peabody estar a postos e reproduziu a mensagem seca do seu superior.

Era bastante simples. Devia ir ao gabinete dele. Imediatamente.

Ainda mal eram 08h00m.

O Comandante não a deixou à espera. O seu auxiliar gesticulou a Eve para que entrasse no gabinete dele, onde Whitney estava sentado atrás da secretária, entretido com as suas comunicações.

As suas mãos grandes batiam impacientemente na superfície da secretária, levantando uma delas para apontar um dedo para uma cadeira quando Eve entrou. Continuou a operar a teleregulação, a sua cara larga e escura sem denunciar nada, a sua voz calma e animada.

— Vamos informar a imprensa às 14h00m. Não, não pode ser mais cedo. Estou bem ciente de que Richard Draco era uma celebridade proeminente e que a comunicação social exige detalhes. Far-lhes-emos a vontade às 14h00m. A investigadora principal estará preparada. Já tenho o relatório dela na minha secretária — disse ele, arqueando uma sobrancelha para Eve.

Esta levantou-se rapidamente e colocou um disco junto à ponta dos dedos do Comandante.

— Contatá-lo-ei assim que analisar a situação — pela primeira vez desde que Eve entrara, a irritação denotava-se na cara de Whitney. — Presidente Bianci, fosse Draco uma figura proeminente das artes ou não, este está morto. Tenho um homicídio entre mãos e a investigação será feita com toda a energia e celeridade. Correto. 14h00m — repetiu ele, para depois concluir a transmissão e tirar os auscultadores.

— Políticos — e mais não disse.

Recostou-se, esfregou uma linha de tensão na base do pescoço. — Li o relatório preliminar que entregou ontem à noite. Temos um problema.

— Sim, Comandante. O problema deve estar a ser autopsiado neste preciso momento.

Os lábios de Whitney alongaram-se em algo semelhante a um sorriso. — Não é grande apreciadora de teatro, pois não, Dallas?

— Tenho a minha quota de entretenimento na rua.

— O mundo inteiro é um palco — murmurou Whitney. — Já deve saber que a vítima era uma celebridade de peso considerável. A sua morte num espaço tão público e, digamos, dramático, é notícia. Uma grande notícia. Já se sabe dentro e fora do planeta. Desde Draco a Mansfield, a Roarke e a si.

— O Roarke não está envolvido — enquanto o proferia, passaram-lhe pela cabeça uma mão-cheia de palavras.

— Ele é dono do teatro, foi o financiador principal da peça e segundo a informação que já me chegou, foi pessoalmente responsável pela contratação de Draco e Mansfield para a produção. Está correto, Tenente?

— Sim. Comandante Whitney, se todos os crimes ocorridos em pro-

priedades pertencentes a Roarke, ou nas quais ele tem interesse, estivessem ligados a ele, estaria ligado a todos os agentes e criminosos do planeta e a metade deles fora do planeta.

Desta feita, Whitney sorriu. — Ora aí está um pensamento e tanto. Contudo... — o sorriso desvaneceu-se. — Neste caso a ligação dele e a sua é consideravelmente mais tangível. Você está entre as testemunhas. Prefiro encarar isso como uma vantagem neste caso. O facto de estar no local do crime e ter conseguido conter a situação rapidamente impediu que se tornasse mais complicada ainda. A comunicação social vai ser um problema.

— Com todo o respeito, Comandante, mas a comunicação social é *sempre* um problema.

Durante um momento Whitney não disse nada. — Deduzo que já leu as primeiras parangonas.

De facto, Eve já lera. Após títulos exagerados como “Draco Morre Pela Arte”, surgiram pequenas pérolas irritantes como, por exemplo, “Homicídio Ignóbil! Afamado ator Richard Draco foi brutalmente esfaqueado e morto ontem à noite, tendo o crime sido cometido na presença da grande inspetora de homicídios do DSPNI, a Tenente Eve Dallas.”

Não adiantava tentar conter a fuga de informação para a imprensa, pensou ela.

— Ao menos só se referiram a mim como esposa de Roarke no terceiro parágrafo.

— Vão usá-lo a ele e a si para manter a notícia acesa.

Eve tinha consciência disso. Detestava-o. — Não é a primeira vez que trabalho sob pressão da comunicação social, Comandante.

— É verdade — consoante a teleligação de Whitney soou, este carregou no botão Colocar Todas as Chamadas em Espera e silenciou-a. — Dallas, este não é um homicídio comum nem extraordinário. Como dizem os meus netos, é suculento e você está envolvida nele. Terá de preparar-se bem para a conferência de imprensa às 14h00m. Garanto-lhe que os atores envolvidos vão representar perante as câmaras. Não conseguirão conter-se e, ao tentarem, a história ganhará outras dimensões.

O Comandante recostou-se, batendo com os dedos na coxa. — Também sei que não está particularmente interessada no aspeto público e mediático do caso. Terá de considerar esse aspeto, neste caso, como sendo ossos do ofício. Não dê entrevistas nem debata qualquer área do caso com jornalistas antes da conferência de imprensa.

— Com certeza, Comandante.

— Quero que isto seja rápido. Já pedi ao perito médico para despachar a autópsia. O laboratório está em estado de alerta. Vamos seguir as

regras, mas há que ser célere. A Areena Mansfield já solicitou advogado ou um representante?

— Até agora não.

— Interessante.

— Deduzo que solicite em breve. Ficou abalada, mas a minha impressão é que quererá um representante quando cair em si. A ajudante dela confirma que estava no camarim com a Areena em todas as mudanças de roupa. Não confio totalmente na afirmação da ajudante. A mulher venera Mansfield. Entretanto ando a verificar os antecedentes de todos os membros do elenco e da equipa. Vai demorar algum tempo. São muitos atores. Os interrogatórios começam esta manhã.

— Confirmam-se as estimativas de três mil testemunhas?

Só de pensar nisso, a cabeça de Eve latejava. — Receio que sim, Comandante. Obviamente não pudemos manter os membros do público dentro do teatro durante muito tempo. Identificámos todas as pessoas pelo nome e residência consoante cada uma foi dispensada. Foram recolhidas algumas declarações porque, basicamente, algumas pessoas não conseguiam estar caladas. A maioria, que eu já revi, era incoerente e essencialmente inútil.

— Distribua as testemunhas que estavam no público pelos agentes. Eu vou recrutar inspetores de outras áreas. Vamos pôr algumas testemunhas de lado para reduzir esse número.

— Vou começar a fazer isso hoje, Comandante.

— Delegue o trabalho — ordenou ele. — Não se pode dedicar a trabalhos monótonos. Contate o Feeney para verificar os antecedentes do elenco e do pessoal do teatro. Quero encerrar este caso. Tem de dar prioridade a esta verificação em detrimento do trabalho atual dele.

Ele vai mandar vir, pensou Eve, mas ficou contente por poder passar parte do trabalho ao inspetor eletrónico. — Vou avisá-lo, Comandante, e enviar-lhe a lista.

— Mande cópias para mim. Após a conferência de imprensa, preciso que me avise de todas as entrevistas à comunicação social antes de confirmá-las. Dallas, pode contar ver-se a si e ao seu marido no ecrã, nos jornais e ouvir os vossos nomes gritados na porcaria dos elétricos para turistas até este assunto estar satisfatoriamente resolvido. Se precisar de uma equipa maior, avise-me.

— Vou começar com o que tenho. Obrigada, Comandante.

— Esteja aqui, neste gabinete, às 13h30m para um *briefing* antes da conferência.

Whitney estava a dispensá-la e, reconhecendo-o, Eve saiu do gabinete e desceu pelo desliza. Antes de chegar ao seu piso, sacou do comunicador e contactou Feeney na Divisão de Inspetor Eletrónico.

— Olá, Dallas. Ouvi dizer que ontem viste um espetáculo e tanto.

— As críticas foram de morte. Pronto, já disse uma piada. Tenho ordens diretas do Comandante. Vou enviar-te uma lista completa da equipa e elenco da peça, bem como do pessoal do teatro. Preciso de saber os seus antecedentes completos, com verificações correlacionadas. Todas e quaisquer ligações de todos os indivíduos com o Richard Draco e/ou Areena Mansfield.

— Adoro dar uma mãozinha, Dallas, mas estou atolado em trabalho.

— Foi uma ordem direta do Comandante — repetiu ela. — Foi ele que mandou, não fui eu, amigo.

— Com um caraças — a cara de Feeney, já de si desanimada, encheu o ecrã de mágoa. Eve viu-o arrastar uma mão por entre o seu cabelo frisado de cor de ferrugem. — De quantos indivíduos estamos a falar?

— Incluindo papéis em que não falam, figurantes, equipa técnica e artística, pessoal de concessão, manutenção, etc.? Quatrocentos, mais coisa menos coisa.

— Chiça, Dallas.

— Eu já verifiquei o passado de Mansfield, mas podes aprofundar mais — em vez de compreensão, Eve sentiu uma alegria que lhe aligeirou o passo ao atravessar a zona dos inspetores e fez sinal a Peabody para vir ter com ela. — O Whitney quer que seja uma prioridade e que seja feito rapidamente. Temos conferência de imprensa às 14h00m. Preciso de toda a informação possível até essa hora. Estás autorizado a utilizar quantas pessoas da equipa forem necessárias.

— Mas que bom.

— Por mim não há problema. Eu vou estar no terreno. A Peabody vai mandar-te a lista o mais rapidamente possível. Procura sexo, Feeney.

— Quando se chega à minha idade, a coisa nesse campo abranda.

— Ha ha. Sexo e narcóticos. Já tenho uma ligação. Vejamos se há mais pessoas envolvidas. Eu vou mantendo contato.

Eve guardou o comunicador no bolso, descendo até ao piso inferior onde o seu veículo se encontrava estacionado. — Envia as listas de testemunhas e suspeitos ao Feeney. Vamos entregar a verificação de antecedentes à DIE.

— Olha que bom — Peabody tirou a sua unidade de palma e começou a efetuar a transferência. — Então... ele vai recorrer ao McNab?

— Não lhe perguntei. — Eve deslizou o seu olhar no sentido de Peabody e depois abanou a cabeça, descodificando e abrindo o seu veículo.

— Quer saber, não quer?

Eve colocou o cinto e ligou o carro. — Não sei do que estás a falar.

— Acerca de mim e do McNab.

— Tanto quanto sei, não há nada entre vocês os dois. No meu mundo, não se passa nada. A minha auxiliar não anda a ter um caso sexual estranho com o estiloso da DIE.

— Realmente é estranho — admitiu Peabody, soltando depois um longo suspiro.

— Não vamos falar do assunto. Dá-me a primeira morada.

— Kenneth Stiles, também conhecido como *Sir* Wilfred, Park Avenue, número 828. E o sexo é muito bom.

— Peabody.

— Você estava com curiosidade.

— Não estava nada — mas Eve pestanejou consoante uma imagem perturbadoramente nítida de Peabody e McNab lhe surgiu alegremente na mente. — Concentra-te no trabalho.

— Tenho muitos compartimentos na minha mente — com um suspiro contente, Peabody recostou-se. — Há espaço para tudo.

— Nesse caso arranja espaço para o Kenneth Stiles e diz-me tudo sobre ele.

— Sim, Tenente — obedientemente, Peabody tirou o seu computador pessoal de bolso. — Kenneth Stiles, 56 anos, um dos poucos nativos da Cidade de Nova Iorque. Nascido e criado na zona média da cidade. Os pais eram artistas. Não tem cadastro. Fez os anos de liceu com um preceptor particular e teve aulas adicionais de representação, conceção de palcos, guarda-roupa e dicção.

— Ena. Quer dizer que temos aqui um ator a sério.

— Atuou pela primeira vez com dois anos. O tipo já ganhou um monte de prémios. Sempre fez teatro ao vivo. Nunca fez vídeos. Deduzo que seja um verdadeiro artista. Provavelmente será temperamental e emotivo.

— Vai ser divertido. Já tinha trabalhado com o Draco?

— Várias vezes. Trabalhou umas duas vezes com Mansfield. A última vez foi em Londres. De momento não está casado. Teve duas esposas e uma união de facto. Todas mulheres.

Eve procurou um lugar para estacionar, rejeitou a ideia e parou em frente do edifício pós-Guerra Urbana em Park Avenue. Antes de sair do veículo, um porteiro fardado já estava ao seu lado.

— Peço desculpa, minha senhora, mas não pode estacionar nesta zona.

— E isto é um distintivo — Eve levantou o seu distintivo. — Kenneth Stiles?

— O Sr. Stiles vive no apartamento do 50.º piso. Número 5000. O senhor da receção vai dar-lhe autorização para entrar, Sra...

— Isto aqui diz Sra.? — perguntou Eve e esperou que o olhar do porteiro baixasse para ler o distintivo.

— Peço desculpa, Tenente, posso mandar estacionar o seu veículo na garagem durante a sua visita? Ser-lhe-á trazido por um funcionário quando quiser sair.

— É uma bela proposta, mas se lhe der o código da ignição, teria de me deter a mim mesma. Fica aqui mesmo.

Eve manteve o distintivo na mão e entrou no edifício, deixando o porteiro a olhar tristonho para o seu veículo verde-ervilha da Polícia.

Não podia censurá-lo. O pátio de entrada era opulento e elegante, com bronze reluzente e longas flores brancas. Enormes quadrados de mosaico preto polido cobriam o chão. Por detrás de um longo balcão branco, uma mulher alta e magra estava graciosamente sentada num banco e irradiava sorrisos acolhedores.

— Bom dia. Qual o apartamento que deseja?

— Kenneth Stiles — Eve colocou o distintivo sobre o balcão ao lado de um jarro de cobre repleto de flores.

— O Sr. Stiles está à sua espera, Tenente Dallas?

— Espero bem que sim.

— Só um momento, por favor — esta rodou até uma teleligação, sem nunca perder o sorriso, a sua voz mantendo o mesmo tom suave e agradável de um droide caro e bem programado. — Bom dia, Sr. Stiles. Está uma tal Tenente Dallas com uma acompanhante aqui na receção. Posso autorizá-las a subir? — esta aguardou um momento. — Obrigada. Tenha um bom dia.

Voltando-se para a frente, esta gesticulou em direção ao conjunto de elevadores a leste. — Tem autorização para usar o elevador mais à direita, Tenente. Tenha um bom dia.

— Terei, sim. Eu não percebia porque o Roarke não usava mais droides — disse ela a Peabody consoante atravessavam os mosaicos pretos. — Depois apanhei um destes e compreendi. Tanta educação é simplesmente assustador, caramba.

A subida até ao 50.º andar foi suficientemente rápida para deixar o estômago de Eve aos pulos e os ouvidos a estalar. Jamais compreenderia porque as pessoas associavam altura a luxo.

Outro droide aguardava-as quando as portas se abriram. Era uma das unidades de atendimento de Stiles, concluiu Eve, vestido com um uniforme tão rígido e formal que fazia o temido Summerset parecer um sem-abrigo. O seu cabelo de um cinza-azul estava bem penteado para trás e combinava com um bigode espesso que lhe dominava a cara magra e de ossos salientes. O preto das suas calças e casaco comprido contrastava com luvas brancas como neve.

Este fez uma vénia e depois ouviu-se a sua voz frutada com um toque

de sotaque britânico. — Tenente Dallas e Sra. Agente, o Sr. Stiles está à vossa espera. Acompanhem-me, por favor.

Conduziu-as por um corredor até umas portas duplas que se abriram para revelar o apartamento de esquina. A primeira coisa que Eve viu quando entrou foi a parede de vidro ampla que dava para o confuso trânsito aéreo de Nova Iorque. Eve desejou que Stiles tivesse corrido o ecrã de privacidade.

A divisão em si era uma explosão de cor, rubis e esmeraldas e safiras misturadas no padrão do largo recinto de convívio em forma de U. Bem no meio havia uma piscina de mármore onde peixinhos dourados gordos nadavam em círculos enfiados por entre nenúfares.

Um forte aroma cítrico provinha da floresta arrumada de laranjeiras e limoeiros miniatura, carregados de fruta. O piso tinha um padrão geométrico colorido e violento que visto com mais atenção mostrava uma orgia erótica de corpos nus em modos inventivos de cópula.

Eve andou sobre os peitos azuis e pénis verdes até onde Stiles estava sentado — altivo, pensou Eve — trajando um casaco cor de açafão que lhe dava pelo tornozelo.

— Rica casa.

Ele sorriu, uma expressão surpreendentemente meiga na sua cara enrugada. — Porquê viver sem drama? Posso oferecer-lhe algo antes de começarmos, Tenente?

— Não, obrigada.

— É tudo, Walter — este despachou o droide com um acenar da mão e depois gesticulou para que Eve se sentasse. — Sei que a Tenente Dallas está habituada a estas coisas, mas para mim é um território novo e, devo confessar, empolgante.

— Acha empolgante ver um colega morrer à sua frente?

— Após o choque inicial, acho. É da natureza humana achar o homicídio empolgante e fascinante, não acha? Senão, porque tem resultado tão bem ao longo dos tempos? — os seus olhos eram profundos, de um castanho-escuro, e muito astutos. — Eu podia ter abordado este interrogatório de vários ângulos. Sou um ator muito talentoso. Podia fazer-me prostrado, nervoso, receoso, confuso, triste. Optei por ser honesto.

Eve lembrou-se de Carly Landsdowne. — Parece ser uma epidemia. Podes gravar, Peabody — disse ela para depois se sentar.

E afundou-se nas nuvens de almofadas. Contendo um palavrão, Eve empurrou-se para subir e sentou-se na ponta do sofá. Equilibrada, leu os dados pertinentes e fez o aviso-padrão.

— Tem consciência dos seus direitos e obrigações neste caso, Sr. Stiles?

— Tenho, sim — o mesmo sorriso meigo espalhou-se novamente a

toda a cara. — Permite-me que lhe diga que lê com autoridade e atitude, Tenente?

— Obrigadinha. Muito bem, que relação tinha com o Richard Draco?

— Éramos colegas de trabalho. Ao longo dos anos, trabalhamos juntos algumas vezes, mais recentemente na peça que teve a sua estreia invulgar ontem à noite.

Já percebi tudo, pensou Eve. *Ele está a gostar disto. Está a aproveitar ao máximo.* — E a vossa relação pessoal?

— No meu ver não tínhamos uma relação pessoal, no sentido em que estará a pensar, deduzo eu. Os atores muitas vezes... — fez um gesto vago com a mão e fez a pulseira de pedra colorida reluzir alegremente no pulso. — Tendem a andar só com atores, digamos assim: «Tais mentes, tais egos.» Casamo-nos uns com os outros com uma regularidade perturbante. Raramente dura, bem como as amizades temporárias e outras intimidades entre atores no mesmo palco.

— Mas já o conhecia há alguns anos.

— Conhecia-o, com certeza, mas nunca fomos amigos, digamos assim. Na verdade... — este voltou a fazer uma pausa, os seus olhos tão intensamente reluzentes como a sua pulseira. — Eu detestava-o. Abominava-o. Para mim era um ser humano especialmente desprezível.

— Por alguma razão em especial?

— Por várias razões em especial — Stiles inclinou-se para a frente, como que partilhando confidências. — Era egoísta, egocêntrico, mal-educado, arrogante. Podia fechar os olhos a todos estes traços, até podia compreender que nós atores precisamos de um certo verniz de vaidade para fazer o que fazemos. Mas sob o verniz de Richard havia um espírito de pura crueldade. Era um aproveitador, Tenente, que tinha prazer em despedaçar corações e almas. Não lamento minimamente a sua morte, ainda que lamenta o método como foi atempadamente morto.

— Porquê?

— A peça era brilhante e eu muito apreciava o meu papel. Este incidente vai adiar, se não vier a cancelar a peça. É extremamente inconveniente.

— Vai receber muita publicidade. Isso não vos prejudicará.

Stiles deslizou a ponta de um dedo pelo queixo abaixo. — Naturalmente que não.

— E quando a peça voltar a ser levada a cena, a casa estará cheia, todas as noites.

— É verdade.

— Então, a morte de Richard, de um modo tão dramático e público, de certa forma, foi uma vantagem.

— Inteligente — murmurou ele, olhando-a agora mais atentamente.

— Foi muito bem pensado. Temos aqui uma peça dentro de outra peça, Tenente, e você está a escrevê-la bem.

— Tinha acesso à faca falsa. E tempo suficiente para efetuar a troca.

— Acho que sim. Que ideia — este pestanejou várias vezes como se estivesse a processar dados novos. — Sou suspeito. Que divertido! Eu achava que era testemunha. Ora, ora. Sim, acho que tive oportunidade de o fazer, mas não tenho motivo.

— O senhor afirmou aqui que detestava o Richard Draco.

— Ora, minha cara Tenente, se tivesse engendrado a morte de todas as pessoas de quem não gosto, o palco estaria coberto de corpos. Mas a verdade é que por muito que detestasse o Richard como pessoa, admirava o seu talento. Era um artista excepcional e essa foi a única razão pela qual aceitei trabalhar com ele. O mundo poderá ter-se livrado de um homem ruim e mesquinho, mas o teatro perdeu uma das suas luzes mais brilhantes.

— E o senhor, um dos seus maiores adversários.

Stiles arqueou as sobrancelhas. — Não é verdade. O Richard e eu éramos muito diferentes. Não me lembro de alguma vez termos disputado o mesmo papel.

Eve acenou com a cabeça. Seria bastante fácil confirmar esses dados. Ela mudou de tática. — Que relação tem com a Areena Mansfield?

— É uma amiga que admiro como mulher e como colega de trabalho — este baixou o olhar e abanou a cabeça. — Tudo isto é muito difícil para ela. Lá no fundo é uma criatura delicada, espero que tenha isso em consideração.

Os olhos dele, agora mais escuros, com vestígios de raiva, voltaram a concentrar-se nos olhos de Eve. — Alguém se aproveitou terrivelmente dela. Isso lhe garanto, Tenente. Se eu tivesse decidido matar o Richard Draco, teria arranjado forma de não envolver uma amiga. Ontem à noite houve duas vítimas em palco e tenho o coração desfeito por ela.

— Um mulherengo insensível — murmurou Eve ao descerem até ao piso do átrio. — Manhoso, inteligente e egoísta. De todos os atores, ele é o mais experiente. Conhece o teatro como a palma da sua mão.

— Se é mesmo amigo de Mansfield, teria armado tudo para ser ela a matar o Draco? Teria colocado a arma no camarim dela?

— Porque não? — Eve saiu do edifício e lançou um sorriso de escárnio ao porteiro. — É teatral e se virmos a coisa de outro ângulo, a incriminação foi tão óbvia que parece uma incriminação. Por isso... — Eve sentou-se ao volante, bateu com os dedos neste e franziu as sobrancelhas. — Quem lá colocou a arma queria que a encontrássemos, queria que soubéssemos que

foi lá posta para lançar suspeitas sobre Mansfield. Caso contrário, é uma estupidez, e quem armou o crime não é estúpido. Quero saber quem trabalhava nos bastidores e queria participar. Vamos ver quantos atores frustrados andavam a fazer trabalho técnico nesta peça.

Eve arrancou. — Pede ao Feeney para fazer isso — ordenou ela a Peabody e usou a teleligação do seu carro para contatar a morgue.

Morse, o perito médico chefe, surgiu no ecrã. O seu cabelo sensual estava penteado para trás revelando um par de argolas de ouro e prata na orelha direita. — Estava à sua espera, Dallas. Os seus agentes são exigentes como tudo.

— Divertimo-nos a chatear médicos dos mortos. O que tem para me dizer sobre o Draco?

— Está bem morto — Morse esboçou um ligeiro sorriso. — Uma única facada no coração acabou com ele rápida e minuciosamente. Não apresenta quaisquer outros ferimentos ou lesões. Fez um excelente trabalho de escultura corporal ao longo dos anos e recentemente deu um jeito à barriga. Um cirurgião de topo, na minha opinião, já que as marcas do laser são microscópicas. O fígado da vítima revela reabilitação. Diria que consumia bastante álcool e fez pelo menos um tratamento para revitalizar o órgão. Contudo, tinha no organismo uma bela mistura de narcóticos na altura da morte. Exótica e Zing, com um pouquinho de Zeus. Empurrou tudo para baixo com copo duplo de uísque puro.

— Uma combinação e tanto.

— Nem mais. O sujeito era um grande dependente que continuava a pagar para que lhe compusessem o corpo. Este tipo de ciclo acaba por ter consequências, mas mesmo a este ritmo, ele provavelmente ainda teria mais vinte anos pela frente.

— Agora já não tem. Obrigada, Morse.

— Será que não me arranja uns bilhetes quando a peça voltar a estar em cena? Você tem ligações — acrescentou ele piscando o olho.

Eve soltou um suspiro discreto. — Vou ver o que posso fazer.

A viagem desde o ar rarefeito da zona alta da residência de Stiles para o Aroma de recicladores tombados e sem-abrigo imundos de Alphabet City não se resumia a apenas alguns quarteirões. Trocaram os edifícios altos de porteiros fardados, os carros ambulantes imaculados e trânsito aéreo sereno por complexos prefabricados, marcados pela ferrugem, maxiauto-carros barulhentos e assaltantes de olhar matreiro.

Eve sentiu-se imediatamente mais em casa.

Michael Proctor vivia no quarto piso de uma das unidades construídas ao acaso após a devastação das Guerras Urbanas. Na altura das eleições, funcionários da Câmara fizeram discursos grandiosos acerca da revitalização da área, fizeram promessas empolgantes para combater o abandono, o crime e a decadência geral desse setor desfavorecido da cidade.

Após as eleições, as promessas foram por água abaixo, caíram no esgoto para apodrecer e amadurecer até ao próximo mandato.

Mas as pessoas tinham de viver em algum lado. Eve deduziu que um ator à procura da sua grande oportunidade que sobrevivia à custa de pequenos papéis e substituições não tinha muito dinheiro para pagar casa.

A primeira averiguação de antecedentes efetuada por Eve revelou que Michael Proctor de momento devia seis meses de renda e se tinha candidato à ajuda da Assistência de Habitação Universal.

O que significava que este estava desesperado, pensou ela. A maioria dos candidatos à AHU ficava tão atolada, tão asfixiada em burocracia apresentada pelos dedos viscosos de burocratas, que se aventurava na noite e ficava lamentavelmente grata por encontrar uma cama num dos abrigos.

Eve deduziu que ocupar o lugar ensanguentado de Draco iria aumentar consideravelmente o salário de Proctor. O dinheiro era um motivo anti-go, tão experimentado como verdadeiro.

Eve ponderou deixar o carro estacionado em segunda fila na Seventh, mas depois, ao avistar um lugar de estacionamento no segundo piso do lado da rua, elevou rapidamente o carro na vertical, de tal modo que Peabody gritou, e saiu disparada em frente para enfiar o carro entre um cinco portas enferrujado e uma mota aérea amolgada.

— Bom trabalho — Peabody bateu com um punho no coração para o reanimar.

Eve ligou a luz Em Serviço para afastar os droides que controlam os parquímetros e depois desceu a correr a rampa até ao nível da rua. — Este tipo tem algo tangível a ganhar com a morte do Draco. Tem uma boa oportunidade de ficar com o papel principal, ainda que seja temporariamente. Isso trar-lhe-á um ego, carreira e uma melhoria financeira, tudo de uma assentada. Não tem cadastro, mas todo o criminoso tem de começar por algum lado.

— Adoro a sua perspectiva otimista da humanidade, Tenente.

— Sim, eu adoro pessoas — Eve olhou para o malandro de rua a andar de *skate* aéreo e reparou na sua sacola de ombro grande. — Hey! — esta apontou um dedo consoante este curvou os ombros e amuou. — Se montas esse jogo nesta esquina, vou sentir-me insultada. Vai fazer isso a dois quarteirões daqui, no mínimo, e vou fingir que não vi a tua fronha feia.

— Só estou a tentar ganhar a vida.

— Vai ganhar a vida a dois quarteirões daqui.

— Merda — este mudou a sacola e arrancou, dirigindo-se para oeste por entre o vapor ondeante de um carro ambulante.

Peabody resfolegou esperançosamente. — Estes cachorros de soja cheiram a frescos.

— Há uma década que não são frescos. Acalma o estômago.

— Não consigo, ele pensa por si — olhando gulosamente para trás para o carro ambulante, Peabody seguiu Eve até ao interior do edifício sujo.

A certa altura o local gozara de alguma segurança. Mas a fechadura das portas exteriores tinha sido retirada, provavelmente por algum miúdo empreendedor que agora já tinha idade para receber reforma. O *foyer* era da largura de uma casa de banho portátil e da cor de lama seca. As ranhuras do correio velhas estavam riscadas e partidas. Sobre uma, escrito a tinta vermelha esperançosa, lia-se M. Proctor.

Eve olhou para o elevador estreito, o emaranhado de fios descarnados a espreitar da placa de controlo. Não lhes deu importância e subiu pelas escadas.

Alguém chorava, com soluços longos e de meter dó. Por detrás de uma porta no segundo piso ouvia-se bem alto um jogo de futebol de arena e alguém que proferia asneiras perante uma jogada que correrá mal. Cheirava-lhe a mofo, urina velha e o doce aroma de Zoner velha.

No terceiro piso ouvia-se música clássica, uma peça que Eve ouvira Roarke tocar. A acompanhar, batidas ritmadas.

— Uma bailarina — disse Peabody. — Tenho uma prima que entrou para a Companhia Regional de Bailado de Denver. Alguém está a fazer *jetés*. Eu antigamente também queria ser.

— Bailarina? — Eve olhou para trás. As faces de Peabody estavam bem rosadas da subida.

— Sim, mas era em miúda. Mas não tenho constituição para isso. As bailarinas têm mais a sua constituição. Fui ao ballet com o Charles há umas semanas. As bailarinas eram todas altas e magrinhas. Dá-me nojo.

— Hmm — foi a resposta mais segura quando Peabody mencionou a sua ligação ao acompanhante registado Charles Monroe.

— A minha constituição é mais de cantora de ópera. Sou forte — acrescentou Peabody com um esgar.

— Agora gostas de ópera?

— Já fui ver algumas vezes. Não é mau — esta soltou uma exalação de alívio quando chegaram ao quarto piso e tentou não ficar irritada por Eve não estar sem fôlego. — O Charles gosta dessas coisas culturais.

— Deves andar ocupada, entre ele e o McNab.

Peabody esboçou um esgar. — Julgava que na sua realidade não havia nada entre mim e o McNab.

— Caluda, Peabody — aborrecida, Eve bateu à porta de Proctor. — Isso foi uma resmungadela?

— Não, Tenente — Peabody susteve o ar e tentou parecer séria. — Claro que não. Acho que é o meu estômago a dar horas.

— Cala-te lá com isso também — Eve levantou o seu distintivo quando ouviu passos a aproximarem-se da porta e da vigia. O isolamento acústico do edifício não era grande coisa.

De seguida ouviu-se uma série de cliques e tilintares. Eve contou cinco fechaduras manuais a serem destrancadas antes de a porta se abrir.

A cara que espreitou pela fresta era um estudo da generosidade de Deus. Ou de um escultor facial extremamente talentoso. Pele de um tom dourado pálido bem esticada e macia sobre longas maçãs do rosto e um maxilar quadrado heroico que exibia uma covinha precisa. A boca era volumosa e firme, o nariz estreito e direito e os olhos eram de um verde genuíno das esmeraldas orgânicas.

Michael Proctor emoldurava esta bênção com um fluxo de cabelo castanho sedoso com alguns caracóis ameninados pendentes. À medida que o seu olhar alternou rapidamente entre Eve e Peabody, deslizou os dedos longos pela cabeleira espessa, puxando-a para trás antes de tentar um sorriso hesitante.

— Hum... Tenente Houston.

— Dallas.

— Isso. Eu sabia que era um sítio no Texas — o nervosismo fazia-o falar atabalhoadamente, mas este recuou, aumentando a abertura. — Ainda estou bastante abalado. Continuo a pensar que não passou de um engano.

— Se for esse o caso, é um engano permanente — Eve perscrutou o que havia do apartamento. A divisão única tinha um sofá-cama velho que Proctor não se dera ao trabalho de fazer nesse dia, uma mesa fina com uma combinação barata de teleligação e computador, um candeeiro com um abajur rasgado e uma cómoda de três gavetas.

Para alguns, a representação não era uma atividade lucrativa, deduziu Eve.

— Hum... vejamos... hum — ligeiramente corado, abriu o armário longo, entrou lá dentro e eventualmente acabou por sair com uma pequena cadeira desdobrável. — Peço desculpa. Eu praticamente só venho dormir a casa, de modo que a casa não é muito acolhedora para as visitas.

— Não nos considere visitas. Podes gravar, Peabody. Pode sentar-se, Sr. Proctor, se assim ficar mais confortável.

— Eu... — os dedos dele dançaram uns com os outros, pontas com pontas. — Estou bem. Eu não faço ideia do que devo fazer. Nunca fiz nenhum drama policial. Tendo a ser escolhido para peças de época ou comédias românticas.

— Ainda bem que eu já fiz alguns dramas policiais — disse Eve descontraidamente. — Só tem de responder às perguntas e não haverá problema.

— O.K., está bem — após olhar em redor pela divisão como se nunca a tivesse visto, este finalmente sentou-se na cadeira. Cruzou as pernas e depois descruzou-as. Sorriu esperançosamente.

Este parecia, pensou Eve, um menino que foi chamado ao gabinete do diretor por ter cometido uma pequena infração.

— Interrogatório da Tenente Eve Dallas a Michael Proctor, na residência do próprio. Agente Delia Peabody como auxiliar.

Observando Proctor, Eve recitou-lhe os direitos revistos. Consoante este ouvia, foi batendo com os dedos nos joelhos e conseguiu parecer tão culpado como um homem com 170 gramas de Zeus em cada bolso.

— Está ciente dos seus direitos e obrigações neste caso?

— Sim, acho que sim. Preciso de um advogado? — este olhou para cima, para Eve, como um cachorrinho com receio de levar uma palmada no focinho por ter sujado o tapete. — Tenho uma representante, é representante teatral. Será melhor telefonar-lhe?

— O senhor é que sabe — e iria perder tempo e complicar as coisas. — Pode solicitar um advogado em qualquer altura do interrogatório. Se preferir, vamos para a Central.

— Bem... céus — este exalou e olhou para a sua teleligação. — Acho que não vou incomodá-la agora. Anda muito ocupada.

— Porque não começa por me contar o que aconteceu ontem à noite?

— Refere-se... — Proctor estremeceu visivelmente. — Eu estava nas alas. Do lado esquerdo do palco. Foi brilhante, simplesmente brilhante. Lembro-me de ter pensado que se a peça ficasse muito tempo em cena, eu teria oportunidade de fazer de Vole. O Draco certamente acabaria por faltar a uma atuação ou duas...

Este afastou-se, pareceu atordoado e depois indignado. — Não quero com isto dizer... Nunca lhe desejei mal nenhum. Estava a pensar que ele apanharia uma constipação ou qualquer coisa assim, que precisaria de descansar uma noite. Algo do género.

— Claro. E o que viu das alas, do lado esquerdo do palco, na última cena?

— Ele foi perfeito —, murmurou Proctor, os seus olhos de um verde intenso tornando-se surreais. — Arrogante, despreocupado, imperturbável. A forma como comemorou a absolvição desprezando a Christine como se fosse um osso que ninguém quer. O seu prazer na vitória, em contornar o sistema, em enganar toda a gente. Depois o choque, o choque no seu olhar, no seu corpo quando ela o atacou com a faca. Eu observei, ciente de que jamais atingiria aquele nível. Jamais encontraria tanto dentro de mim. Não me apercebi, mesmo depois de toda a gente deixar de representar, não caí em mim.

Proctor levantou as mãos e depois deixou-as tombar. — Acho que ainda não caí em mim.

— Quando deu conta que Draco não estava a representar?

— Acho... acho que foi quando a Areena gritou. Pelo menos nessa altura apercebi-me de que se passava algo terrivelmente errado. Depois aconteceu tudo muito depressa. As pessoas correram na direção dele aos gritos. Desceram o pano, foi muito rápido — recordou ele. — E ele ali estava estendido.

É difícil saltar e pôr-se de pé para receber aplausos com vinte centímetros de aço no coração, pensou Eve. — Qual era a sua relação pessoal com o Richard Draco?

— Não acho que tivéssemos relação nenhuma.

— Não tinha conversas pessoais com ele, não havia qualquer interação?

— Bem, hum... — os dedos começaram novamente a dançar. — Sim, falámos algumas vezes. Acho que o irritava.

— Em que sentido?

— Sabe, Tenente, eu observo. As pessoas — acrescentou ele com outro dos seus sorrisos vacilantes. — Para desenvolver estereótipos, para aprender. Acho que o Draco não gostava de ser observado e disse-me para não lhe aparecer à frente senão... senão ele, hmmm, certificar-se-ia de que

eu só arranjaria trabalho a fazer hologramas de sexo. Eu pedi desculpa imediatamente.

— E?

— Ele atirou-me um pisa-papéis. O pisa-papéis falso que está na secretária de *Sir Wilfred*. — Proctor estremeceu. — Ele falhou. Tenho a certeza de que ele fez de propósito.

— Você deve ter ficado irritado.

— Não, nem por isso. Fiquei envergonhado por tê-lo aborrecido durante o ensaio. Teve de tirar o resto de dia de folga para se acalmar.

— Um tipo ameaça a sua subsistência, atira-lhe um pisa-papéis e você não se irrita?

— Era o Draco — o tom de Proctor era reverente. — Ele é... ele foi um dos melhores atores do século. O máximo. O temperamento dele contribuiu — contribuía — para a pessoa que era.

— Você admirava-o.

— Sim. Desde que me lembro que estudo o seu trabalho. Tenho discos e gravações de todas as peças dele. Quando tinha oportunidade de substituí-lo como Vole, não hesitava. Acho que é o ponto de viragem na minha carreira — agora os seus olhos reluziam. — Toda a minha vida sonhei em pisar o mesmo palco que o Richard Draco e ali estava eu.

— Mas se não lhe tivesse acontecido algo, você não pisaria esse palco.

— Não exatamente — no seu entusiasmo, Proctor inclinou-se para a frente. A cadeira barata chiou em sinal de agouro. — Mas eu tive de ensaiar as mesmas falas, as mesmas posições, saber as mesmas deixas. Era quase como *ser* ele. De certo modo. Você entende.

— Agora terá oportunidade de assumir a... como se diz? A posição dele, não é assim?

— Sim — o sorriso brilhante de Proctor desfez-se rapidamente. — Sei o quão terrível, o quão egoísta e frio isso deve parecer. Não disse com esse sentido.

— Está a passar por dificuldades financeiras, Sr. Proctor.

Este corou, encolheu-se e tentou novamente aquele sorriso. — Sim, bem... Uma pessoa não se dedica ao teatro pelo dinheiro, é por amor.

— Mas o dinheiro dá jeito para coisas como comer e manter um teto sobre a cabeça. O senhor tem a renda atrasada.

— Um pouco.

— O trabalho como substituto é suficiente para o senhor pagar a renda. Joga, Sr. Proctor?

— Não. Não, não jogo.

— Apenas não tem tino com dinheiro?

— Não concordo. Eu faço investimentos. Em mim mesmo. Em au-

las de representação e voz, manutenção corporal, tratamentos de melhoria. Não são baratos, especialmente na cidade. Deduzo que tudo isso lhe pareça frívolo, Tenente, mas faz parte da minha arte. São ossos do ofício. Estava a ponderar arranjar um trabalho a tempo parcial para ajudar a pagar as despesas.

— Agora já não precisa de pensar nisso, não é verdade? Com o Draco fora de cena.

— Acho que não — Proctor fez uma pausa, considerando-o. — Eu não sabia como iria gerir o tempo. Será mais fácil... — este deteve-se e sugou uma aspiração. — Não digo isto com essa intenção. É só que seguir a sua linha de raciocínio me alivia o fardo mental. Estou habituado a não ter dinheiro, Tenente. Apesar de tudo o resto, o teatro perdeu um dos seus melhores atores e eu perdi um dos meus ídolos pessoais. Mas acho que me sentiria melhor se dissesse — se fosse sincero e dissesse — que há uma parte de mim que fica entusiasmado por pensar que irei interpretar o papel de Vole. Ainda que temporariamente.

Este suspirou, longa e ruidosamente, e depois fechou os olhos. — Sim, sim, sinto-me melhor. Mas preferia que ele tivesse apanhado uma constipação.

A cabeça de Eve latejava ligeiramente ao subir as escadas de volta para o carro. — Ninguém é assim tão ingénuo — murmurou ela. — Ninguém é assim tão crédulo.

— Ele é do Nebraska — Peabody analisou a sua unidade de bolso.

— É de onde?

— Nebraska — Peabody acenou uma mão, indicando vagamente para oeste. — É rapaz do campo. Fez muito teatro regional, algum trabalho para vídeo, publicidade de rua, pequenos papéis no ecrã. Só esteve em Nova Iorque três anos — ela entrou no carro. — Lá no Nebraska ainda são muito crédulos. Acho que é de tanta soja e milho.

— Não importa, ele continua na lista pequena de suspeitos. O que ele ganha com a substituição no papel de Vole é muito melhor do que estar a observar nas alas. Ele está de passagem naquela espelunca. O dinheiro é um motivo e a ambição também. Ele queria ser o Draco. Há forma melhor de o ser do que eliminando o Draco?

— Eu tenho uma ideia.

Eve olhou para a sua unidade de pulso para ver as horas ao descer até ao trânsito. Conferência de imprensa de um raio. — E que ideia é essa?

— Pronto, é mais uma teoria.

— Desembucha.

— Se for boa, posso comer um cachorro de soja?

— Chiça. Qual é a teoria?

— Então, eles são todos atores numa peça. Um bom ator entra na personagem durante o desempenho. E fica aí. É tudo imediato, mas outra parte do ator está distante — avaliando as atuações, lembrando-se da encenação, captando vibrações do público e coisas do género. A minha teoria é que quem trocou as facas estava a representar.

— Sim, a representar um homicídio.

— Sim, mas isto é outro nível. Podem participar na peça e vê-la desenrolar sem chegar a cometer o crime. O objetivo é atingido e ainda assim não passa de um papel. Mesmo que tenha sido um técnico a fazê-lo, faz tudo parte da peça. O Vole morre. Deve morrer. O facto de Draco também morrer só torna a coisa mais gratificante.

Eve removeu a ideia e depois encostou na esquina seguinte onde um carro ambulante deitava vapor e crepitava.

— Então, gostou da minha teoria?

— Mais ou menos. Vai buscar o teu cachorro de soja.

— Quer alguma coisa?

— Café, mas não aquela coisa imunda.

Peabody suspirou. — Ena, isso realmente mexe com o meu apetite — mas acabou por sair, correu por entre os transeuntes e pediu o cachorro de soja grande duplo e um mega tubo de *Coca-Cola Diet* para se convencer de que tinha cuidado com o peso.

— Já estás satisfeita? — perguntou Eve quando Peabody se voltou a sentar no banco do passageiro e enfiou a ponta do cachorro na boca.

— Ummm. Que bom. Quer uma dentada?

Peabody foi poupada a uma resposta torta pelo toque da teleligação do carro. Nadine Furst, jornalista do Canal 75, surgiu no ecrã. — Dallas, preciso de falar consigo, assim que você puder.

— Sim, aposto — Eve ignorou a transmissão e contornou a esquina num ápice para regressar à Central. — Não sei porque ela pensa que lhe vou dar uma entrevista exclusiva antes da conferência de imprensa marcada.

— Será porque são amigas? — arriscou-se a dizer Peabody com a boca cheia de cachorro de soja e flocos de cebola reidratados.

— Ninguém é assim tão amistoso.

— Dallas — a cara bonita e maquilhada de Nadine estava tensa, como Eve notou com alguma curiosidade, a sua voz perfeitamente colocada. — É importante e é... pessoal. Por favor. Se estiver a selecionar transmissões, faça-me esse favor. Vou ter consigo onde quiser, quando quiser.

Praguejando, Eve ligou a transmissão. — No Blue Squirrel. Imediatamente.

— Dallas...

— Posso conceder-lhe dez minutos. Seja rápida.

Já há muito tempo que Eve não atravessava as portas do Blue Squirrel. No que tocava a pardieiros, havia piores, mas não muito piores. Ainda assim Eve tinha uma ligação sentimental ao bar sombrio. Em determinada altura, a sua amiga Mavis atuara lá, escorregando, pulando e gritando canções em fatos que desafiavam qualquer descrição.

E uma vez, durante um caso difícil e confuso, Eve fora lá com o único propósito de beber até esquecer.

Fora lá que o Roarke a encontrara e de lá a arrancara antes que Eve conseguisse cumprir a sua missão. Nessa noite acabou na cama dele pela primeira vez.

Fazer sexo com o Roarke, veio ela a descobrir, deixava-lhe a mente muito mais inerte do que uma cuba de cerveja.

De modo que tinha boas memórias do Squirrel, com o seu menu discutível e empregados desinteressados.

Eve sentou-se deslizando numa cabina, ponderou pedir o terrível pseudocafé em nome dos bons velhos tempos quando viu Nadine entrar.

— Obrigada — Nadine manteve-se de pé junto à cabina, desenrolando lentamente um cachecol fantástico multicolorido do pescoço. Os seus dedos agarravam na longa franja escura. — Peabody, importa-se de nos deixar uns momentos a sós?

— Não há problema — Peabody empurrou-se para fora da cabina e como Nadine tinha os olhos marejados, deu à jornalista um apertão rápido e consolador no braço. — Vou sentar-me no bar e ver jogos holográficos.

— Obrigada. Há já algum tempo que não vimos aqui.

— Todo o tempo não é demais — comentou Eve quando Nadine se sentou do outro lado da mesa vacilante. Vendo um empregado a aproximar-se, Eve limitou-se a tirar o seu distintivo e colocá-lo bem à vista na mesa. Achava que nem ela nem Nadine estavam com disposição para petiscar e muito menos para consumir ptomaína. — Qual é o problema?

— Não tenho a certeza. Talvez não haja problema nenhum — Nadine fechou os olhos e abanou o cabelo para trás.

Acrescentara-lhe algumas madeixas louras, reparou Eve. Nunca percebera porque as pessoas passavam a vida a mudar a cor do cabelo. Tanta manutenção fazia-lhe confusão.

— O Richard Draco — disse Nadine.

— Não vou debater o caso consigo — Eve pegou no distintivo com uma passagem impaciente. — Há conferência de imprensa às 14h00m.

— Dormi com ele.

Eve fez uma pausa ao sair da cabina, voltou a sentar-se e olhou mais atentamente para a cara de Nadine. — Quando?

— Pouco tempo depois de conseguir o lugar de jornalista de diretos no Canal 75. Na altura não cobria crimes. Essencialmente cobria notícias coloridas, eventos sociais, fazia perfis de celebridades. Seja como for, ele contactou-me. Queria dizer-me que eu era ótima, que adorava ver as minhas reportagens. Que eram bastante boas, tendo em conta que eu detestava todos os minutos que dedicava àquilo.

Nadine pegou no seu cachecol e enrolou-o à volta da mão. Desenrolou-o. Voltou a pousá-lo sobre a mesa. — Ele convidou-me para jantar. Fiquei lisonjeada, ele era lindo. Uma coisa levou à outra.

— Está bem. Isso foi há quê, cinco anos?

— Seis, na verdade foi há seis — Nadine levantou uma mão e esfregou os dedos sobre a boca. Era um gesto que Eve nunca lhe vira fazer. Os jornalistas de diretos não gostavam de estragar a maquilhagem.

— Eu disse que uma coisa levou a outra — continuou ela —, mas foi romanticamente. Não fizemos logo sexo. Saímos durante umas duas semanas. Jantares tranquilos, teatro, caminhadas, festas. Depois ele convidou-me para passar o fim de semana com ele em Paris.

Desta vez Nadine simplesmente escondeu a cabeça nas mãos. — Céus. Céus, Dallas.

— Apaixonou-se por ele.

— Sim, apaixonei-me por ele. Completamente. Eu estava fora de mim, estava completamente embeijada pelo filho da mãe. Estivemos juntos três meses e eu cheguei... Dallas, eu já pensava em casamento, filhos, casa no campo. O filme todo.

Eve ajeitou-se no banco. As declarações emocionadas faziam-na sempre sentir-se desajeitada. — Deduzo então que a coisa não resultou.

Nadine observou-a durante um momento e depois deixou a cabeça pender com um riso longo e tremido. — Sim, pode-se dizer que a coisa não resultou. Descobri que ele andava com outra. Aliás andava com várias. Ouvi uma notícia de mexericos antes de entrar em direto, vi o Richard abraçado a uma loura mamalhuda numa discoteca fina na Alta da cidade. Quando o confrontei, ele limitou-se a sorrir e a dizer que gostava de mulheres. «Qual é o problema?»

— Qual é o problema — murmurou ela. — O cabrão despedaçou-me o coração e não teve a decência de me mentir. Ainda me deu a volta e voltámos a fazer sexo. Envergonho-me disso. Permite que me desse a volta e mal acabámos de ter relações, ele atendeu uma chamada de outra mulher. Marcou encontro com ela comigo nua ao lado dele.

— Quanto tempo esteve ele hospitalizado?

Nadine conseguiu esboçar um sorriso débil. — Infelizmente não lhe bati. Chorei. Fiquei ali na cama dele e chorei que nem uma menina.

— Lamento. Teve azar, mas isso foi há seis anos.

— Vi-o na noite em que foi morto.

— Caraças, Nadine.

— Ele telefonou-me.

— Não diga nada. Não diga nada agora. Não me diga mais nada. Arranje um advogado.

— Dallas — Nadine esticou a mão repentinamente e cravou os dedos no pulso de Eve. — Por favor. Preciso de lhe contar tudo. Depois preciso que me diga se estou metida num grande sarilho.

— Merda. Merda. Merda — Eve apontou para o menu e acabou por pedir um café. — Não lhe li os seus direitos. Não vou ler. Não posso usar nada do que me disser.

— Ele telefonou-me. Disse que andava a pensar em mim, nos velhos tempos. Queria saber se me queria encontrar com ele. Comecei por mandá-lo dar uma curva, mas apercebi-me de que, apesar de todo o tempo que se passou, queria vingar-me. Queria dar-lhe uma descompostura em pessoa. Por isso, concordei passar pelo hotel dele. Devo aparecer nos discos de segurança deles.

— Sim, certamente.

— Ele tinha encomendado jantar para dois. O sacana lembrava-se do que tínhamos comido no primeiro encontro. Se calhar pede sempre o mesmo nos primeiros encontros. Não me espantava nada. Que apodreça no Inferno.

Nadine suspirou. — Bem, não deixei os meus créditos em mãos alheias. Arranji-me toda. Vestido novo, penteado novo. Deixei que me servisse champanhe e conversámos de coisas triviais enquanto bebemos. Eu já conhecia a tática dele, lembrava-me de tudo. E quando passou a ponta dos dedos pela minha face e me lançou aquele olhar demorado e cheio de alma, atirei-lhe o meu champanhe à cara e disse-lhe tudo o que queria ter dito há seis anos. Tivemos uma discussão terrível. Vidros partidos, palavras cruéis, algumas estaladas.

— Ele agrediu-a fisicamente?

— Foi mais ao contrário. Eu dei-lhe uns estalos e ele reagiu. Depois dei-lhe um soco no estômago. Ele não conseguia respirar. Enquanto ele aquejava, eu saí toda satisfeita.

— O disco de segurança mostra-a desalinhada, alterada?

— Não sei — Nadine esfregou novamente os dedos sobre a boca. — Talvez. Não pensei nisso. Mas apesar de tudo, estou contente por ter ido.

Estou contente por finalmente o ter enfrentado. Mas depois cometi um grande erro, Dallas.

O café deslizou gordurosamente pela abertura. Eve limitou-se a empurrá-lo para Nadine e aguardou que a amiga o bebesse.

— Fui ao teatro ontem à noite. Quis provar a mim mesma que conseguia ir, vê-lo e não sentir nada — o café mal estava morno, mas consegui anular um enorme arrepio frio na barriga. — Fui. Não senti nada. Foi uma comemoração perceber que finalmente já não sentia nada pelo sacana. Cheguei mesmo... céus, cheguei a ir aos bastidores, usei o meu passe de jornalista, no intervalo, para lho dizer.

— Falou com ele nos bastidores ontem à noite?

— Não. Quando cheguei aos bastidores, dirigi-me ao camarim dele e ocorreu-me que se o confrontasse novamente estaria a dar-lhe demasiada importância. Só iria alimentar o ego dele. Por isso, vim-me embora. Saí pela porta do palco e fui dar uma volta grande. Fui ver montras. Parei no bar de um hotel e bebi um copo de vinho. Depois fui para casa. Esta manhã soube... entrei em pânico. Telefonei para o trabalho a dizer que estava doente. Tenho estado mal o dia todo, mas depois apercebi-me de que tinha de falar consigo. Não sei o que fazer.

— Quando regressou, dirigiu-se aos camarins. Não foi a mais lado nenhum?

— Não, juro.

— Alguém a viu?

— Não sei. Imagino que sim. Não estava a tentar passar despercebida.

— Quero fazer isto formalmente, registar que você me veio contar estas informações. É o melhor para si. Entretanto, quero que arranje um advogado, um advogado bom. Faça-o discretamente e diga ao representante tudo o que me disse a mim.

— Está bem.

— Omitiu alguma coisa, Nadine? Seja o que for?

— Não, contei-lhe tudo. Só o vi dessa vez no quarto de hotel dele e depois já em palco. Posso ter sido parva, Dallas, mas progredi muito. E não sou covarde. Se quisesse que o filho da mãe morresse, eu mesma o teria matado, não teria tramado outra pessoa.

— Sim — Eve pegou no café e terminou-o. — Eu sei. Fale com o advogado. Fazemos o interrogatório amanhã — esta levantou-se e após uma ligeira hesitação, deu uma palmadinha no ombro de Nadine. — Vai ficar tudo bem.

— Sabe o que me lixa, Dallas? Estava a sentir-me tão bem com a situação. Desde que... sabe que faço terapia com a Mira.

Eve ajeitou os pés. — Sim.

— Uma das coisas que descobrimos é que não tenho estado disponível para amar, amar verdadeiramente, desde o Richard. Ele traumatizou-me muito. Depois ontem à noite quando estava no bar do hotel, apercebi-me de que agora podia estar disponível. Queria estar disponível. A altura é que foi péssima. Obrigada por me ter ouvido.

— Não se fala mais no assunto — Eve fez sinal a Peabody para regressar. — Nadine, leve este conselho à letra.

O calendário dizia que a primavera estava quase a chegar, mas devagari-nho. Eve foi para casa sob um granizo fino e disparado que era quase tão desagradável como o seu humor.

As conferências de imprensa irritavam-na.

A única coisa positiva que tinham, na sua opinião, era acabarem. Jun-tando isso ao facto de ter de passar o dia a fazer interrogatórios que só ser-viam para lhe dar uma ideia turva das pessoas e eventos, Eve estava nervosa e desagradada.

A verdade é que não devia ir para casa. Havia mais trabalho que po-dia e devia ser feito no terreno. Mas Eve dispensara Peabody, muito para o agrado notório da sua auxiliar.

Tiraria uma hora, disse a si mesma. Talvez duas. Andaria um pouco, colocaria alguma ordem nos seus pensamentos. Eve desviou-se e contor-nou o trânsito mal-humorado e tentou ignorar o aeroplano irritantemente animado que divulgava ruidosamente as novas modas de primavera à ven-da no Bloomingdale's.

Ficou retida num semáforo e levou com o fluxo pestilento do fumo de um carro ambulante em chamas, sobre o qual o empregado descontente deitava espuma de gel. Dado que as chamas pareciam estar razoavelmente sob controlo, ela deixou-o a tratar do assunto e contactou Feeney através da teleligação do carro.

— Algum avanço?

— Sim, algum. Consegui averiguar os antecedentes e localizações atuais, os dados financeiros e cadastros do elenco e da equipa, incluindo do pessoal de teatro permanente.

A voz de Eve acalmou-se. — De todos?

— Sim — Feeney esfregou o queixo. — Bem, não posso ficar com o crédito todo. Bem te disse que tínhamos ajuda. O Roarke passou-nos todas as informações.

Eve voltou a ficar agitada. — O Roarke?

— Contactou-nos ao início desta tarde, deduziu que eu faria a pesqui-sa. Ele tinha todos os dados de qualquer forma. Poupano-me algum tempo.

— Sempre prestável — resmungou ela.

— Enviei para a tua unidade do gabinete.

— Ótimo, obrigada.

Feeney continuou a esfregar o queixo. Eve começou a suspeitar de que o gesto pretendia esconder um sorriso malicioso. — Pedi ao McNab para averiguar padrões, probabilidades e percentagens. É uma lista longa, de modo que não vai ser rápido. Mas deduzo que tenhamos eliminações simples até amanhã, juntamente com uma lista de suspeitos mais prováveis para juntar aos resultados dos teus interrogatórios. Como estão a correr?

— Lentamente — ela avançou aos poucos pelo cruzamento, avistou um intervalo no trânsito e aproveitou. O coro de apitadelas excedeu os níveis de poluição sonora e fizeram-na esboçar um sorriso estreito. — Conseguimos identificar a arma do crime. Uma faca de cozinha normal. Veio da cozinha no piso inferior do teatro.

— O acesso é livre?

— Para o elenco e equipa, não para o público. Mandei um agente buscar os discos de segurança. Veremos o que contêm. Ouve, eu vou averiguar algumas probabilidades para ver se batem certo com as tuas. Devo ter um perfil da Mira amanhã. Vamos lá ver se conseguimos diminuir a lista de alguns milhares de suspeitos. O McNab já avançou muito?

— Saiu antes que eu lhe desse trabalho para hoje.

— Deixaste-o escapar?

— Tinha um encontro — disse Feeney, sorrindo depois maliciosamente.

Eve estremeceu. — Caluda, Feeney — ordenou ela e desligou a transmissão.

Esta começou a pensar, porque a fazia sentir melhor, e depois atravessou rapidamente os portões de casa. Mesmo com péssimo tempo, era magnífica. Talvez até mais magnífica ainda, pensou ela, naquele ambiente sombrio e cinzento.

Os relvados extensos estavam descoloridos do inverno e as árvores reluziam com a chuva. Eve deduziu que Roarke diria tratar-se de *atmosfera*. O importante era a atmosfera e realçava a estrutura gloriosa de pedra e vidro das suas torres, torreões, os seus vastos terraços e varandas que ele reclamava para si.

Deveria estar num penhasco qualquer, pensou Eve, com o mar a borbulhar e a bater lá em baixo. A cidade, com as suas multidões, barulho e desespero furtivo não conseguia passar aqueles altos portões de ferro até ao oásis que este construía com astúcia, implacabilidade e vontade pura, bem como a necessidade estimulante de enterrar as misérias da sua infância.

Sempre que Eve a via, a sua mente dividia-se em duas partes opostas. Uma dizia-lhe que não pertencia ali. A outra dizia-lhe que só pertencia ali.

Deixou o carro ao fundo da escadaria da entrada, sabendo que

Summerset o mandaria guardar na garagem por princípio. O veículo citadino de cor verde-ervilha ofendia a sua sensibilidade, deduziu Eve, quase tanto como ela.

Subiu os degraus a correr com as suas botas riscadas e entrou para o conforto, para a beleza e todo o estilo que o dinheiro conseguia comprar e o poder conseguia manter.

Summerset aguardava-a, uma expressão severa na sua cara magra, os lábios esticados. — Tenente. Que surpresa. Chegou a casa a uma hora decente.

— Não tem nada melhor para fazer do que controlar as horas a que saio e chego? — Eve despiu o blusão e atirou com ele para cima do pilar principal para o aborrecer. — Podia andar a assustar criancinhas.

Summerset fungou e para a irritar, pegou no blusão de cabedal húmido com as pontas delicadas de dois dedos. Examinou-o no escuro com um olhar de reprovação. — Então? Hoje não traz sangue?

— Ainda se pode providenciar. O Roarke já chegou?

— Está na área de recreação do piso inferior.

— Um menino e os seus brinquedos — Eve passou por Summerset.

— Está a deixar o chão todo molhado.

Eve olhou para trás e para baixo. — Bem, assim sempre tem alguma coisa para fazer.

Bastante satisfeito com esta troca de palavras de final de dia, Summerset saiu para secar o blusão de Eve.

Eve desceu pelas escadas, atravessou a casa da piscina onde finas espirais de vapor bailavam convidativamente sobre a água de um azul intenso e secreto. Pensou fugazmente em despir-se por completo e mergulhar, mas tinha de falar com Roarke.

Contornou o ginásio, o vestiário e uma pequena estufa. Quando abriu a porta da área de recreação, surgiu uma torrente de ruído.

Na opinião de Eve, tratava-se da fantasia sexual de um menino de doze anos. Apesar de Eve ter deixado de sonhar com brinquedos quando tinha doze anos. Talvez Roarke também tivesse deixado de sonhar cedo, daí agora proporcionar a si mesmo tais prazeres, deduziu ela.

Havia duas mesas de bilhar, três tubos de RV para várias pessoas, uma variedade de ecrãs concebidos para transmissões ou jogos, uma pequena plataforma holográfica e uma floresta de estações de jogo barulhentas, de cores garridas.

Roarke estava numa delas, com as longas pernas confortavelmente afastadas, as suas mãos elegantes em cada um dos lados de uma caixa comprida com um topo de vidro que lhe dava pela cintura. Os seus dedos batiam ritmadamente no que pareciam ser botões grandes. O topo da caixa era um motim de luzes.

«Polícias e Ladrões», leu Eve e não conseguiu deixar de revirar os olhos quando uma sirene estridente começou a soar. Deu-se uma explosão que ela reconheceu como sendo disparos de uma arma, o chiar desenfreado de pneus sobre pavimento e luzes azuis e vermelhas coroaram verticalmente a caixa consoante esta começou a girar.

Eve enganchou os dedos polegares nos bolsos da frente e foi ter com ele. — Com que então é isto que fazes nas horas mortas.

— Olá, querida — Roarke não tirou os olhos das duas bolas prateadas que corriam e faziam ricochete sob o vidro. — Hoje chegaste cedo.

— Só temporariamente. Quero falar contigo.

— Mmm-hmm. Só um minuto.

Eve abriu a boca para protestar e quase deu um pulo quando as campainhas começaram a tocar e as luzes se acenderam como lasers. — Que raio é isto?

— Uma antiguidade em excelente estado. Chegou... sacana... chegou hoje mesmo — deu um ligeiro toque na máquina com a anca. — É uma máquina de *pinball*, final do século xx.

— Polícias e Ladrões?

— Não consegui resistir — a máquina ordenou que Roarke parasse em tons ameaçadores e este reagiu disparando a bola que restava por uma calha acima, onde foi bater contra um trio de diamantes e depois entrou num orifício.

— Ganhei uma bola — Roarke recuou e rodou os ombros. — Mas isto pode esperar — ao inclinar-se para lhe dar um beijo, ela deu-lhe uma palmada no peito.

— Calma lá, campeão. Que ideia foi essa de telefonar ao Feeney?

— Foi para prestar auxílio à Polícia de Nova Iorque — disse ele descontraidamente. — Fiz o meu dever enquanto cidadão preocupado. Dá-me lá um beijo — enquanto o dizia, puxou-a de encontro a si e mordiscou-lhe o lábio inferior. — Vamos jogar um jogo.

— Eu sou a principal.

— Querida, que tu és a principal não há dúvida.

— Investigadora principal do caso, ó espertinho.

— Disso também. E como tal, terias solicitado os dados dos ficheiros do teatro e tê-los-ias enviado ao Feeney. Agora já está feito. Tens o cabelo húmido — disse ele, cheirando-o depois.

— Está a choviscar — Eve queria discutir, mas achou que não valia a pena porque ele tinha toda a razão. — Porque tens dados detalhados e completos acerca do passado de toda a gente associada ao The Globe e a esta produção?

— Porque, Tenente, toda a gente associada ao The Globe e a esta pro-

dução trabalha para mim — Roarke recuou suavemente e pegou numa garrafa de cerveja que colocara ao lado da máquina. — Tiveste um dia aborrecido, não foi?

— Essencialmente — quando este lhe ofereceu a garrafa, Eve começou a abanar a cabeça, depois encolheu os ombros e bebeu um pequeno trago. — Queria tirar algumas horas para desanuviar a cabeça.

— Eu também. E tenho o método perfeito. *Pinball* de *striptease*.

Eve fungou. — Sai.

— Bem, se estás com medo de perder, dou-te uma vantagem — Roarke sorriu quando o disse, conhecendo muito bem a sua esposa.

— Não tenho medo de perder — Eve devolveu-lhe a cerveja bruscamente. Debateu-se. Mas não resistiu. — Uma vantagem muito grande?

Ainda a sorrir, Roarke tirou ambos os sapatos com os dedos dos pés. — Isso e cinco mil pontos por bola. Parece-me justo, dado que és principiante.

Eve ponderou, analisando a máquina. — Recebeste isto hoje, não foi?

— Há poucos instantes, sim.

— Joga tu primeiro.

— Com todo o prazer.

E como Roarke gostava de a ver fora de si, competir e entregar-se ao momento, provou realmente ser um prazer. No espaço de vinte minutos, Eve perdera as botas, as meias, o coldre e de momento estava a perder a camisa.

— Raios partam! Isto está viciado — já sem paciência, projetou o seu peso contra a máquina e depois sibilou quando os *flippers* bloquearam. — Inclinar? Porque está sempre a dizer-me isso?

— Talvez sejas demasiado agressiva. Deixa-me dar-te uma ajuda — ofereceu Roarke e começou a desabotoar-lhe a camisa.

Eve afastou-lhe as mãos com uma palmada. — Eu consigo fazer isto. Estás a fazer batota — enquanto ela puxava a camisa para fora, olhou para Roarke zangada. Já só tinha uma camisa interior sem mangas e as calças. — Não sei como, mas estás a fazer batota.

— Não será possível que eu seja melhor jogador?

— Não.

Ele riu-se e depois puxou-a à sua frente. — Vou dar-te outra oportunidade e dou-te uma ajuda. Agora — Roarke colocou os seus dedos sobre os dela nos botões de controlo. — Tens de aprender a manejar com jeito em vez de atacar os botões. A intenção é manter a bola em movimento e em jogo.

— Já percebi, Roarke. Queres que ela bata em tudo.

Sabidamente, este conteve uma risada de satisfação. — Mais ou menos. Pronto, é agora.

Ele soltou a bola, encostou-se a Eve, olhando sobre o ombro dela. — Não, não, espera. Não basta bater na bola a torto e a direito. Espera pela bola — os seus dedos premiram os dela e fez a pequena bola prateada deslocar-se à melodia de disparos de arma automática.

— Quero aquelas barras de ouro ali.

— A seu tempo, tudo a seu tempo — este inclinou-se para passar os lábios sobre a nuca de Eve. — Pronto, fugiste do carro da Polícia e conseguiste cinco mil pontos.

— Quero o ouro.

— Porque será que não estou espantado? Vejamos o que se pode fazer por ti. Sentes as minhas mãos?

Roarke pressionava as costas de Eve, estava colado e aninhado nela. Eve rodou a cabeça. — Isso não são as tuas mãos.

Este colocou um sorriso rasgado. — Pois não. As minhas mãos estão aqui — lentamente deslizou aquelas mãos esguias pelo corpo de Eve acima, sobre os seus peitos. Sob o algodão fino, sentiu o coração dela dar um pulo rápido. — Podes desistir — desta vez ele levou a boca até à curva do pescoço de Eve, raspando ao de leve os dentes.

— Nem pensar.

Prendeu-lhe o lóbulo entre os dentes e o abalo que provocou no organismo de Eve fê-la espetar os dedos nos botões. Enquanto esta gemia, a máquina explodiu sob as suas mãos.

— O que foi? O que foi?

— Conseguiste o ouro. Pontos bónus — Roarke puxou pelo botão das calças dela. — Bola extra. Bom trabalho.

— Obrigada — as campainhas tocavam. Na máquina e na cabeça de Eve. Esta deixou que ele a virasse para ficarem cara a cara. — O jogo não acabou.

— Nem por sombras — Roarke desceu a sua boca sobre a de Eve, quente e possessiva. As suas mãos já serpenteavam sob a camisa dela para lhe envolver os peitos. — Quero-te. Quero-te sempre.

Ofegante, desejosa, Eve puxou-lhe a camisa. — Devias ter perdido algumas vezes. Assim não terias tanta roupa vestida.

— Vou lembrar-me disso — a necessidade aumentou tão rapidamente, tão madura, que ardia. O corpo de Eve era um tesouro para ele, as suas linhas longas e exatas, a precisão do músculo, a delicadeza surpreendente da pele. De pé, num abraço apertado, Roarke afundou-se nela.

Ela queria dar. Nenhuma outra pessoa a deixara tão desesperada de dar. Tudo o que tivesse. Tudo o que ele quisesse aceitar. Apesar de todos os horrores da sua vida, de todas as vicissitudes do seu trabalho — aquilo que proporcionavam um ou outro consecutivamente — era o seu milagre pessoal.

Eve encontrou a carne dele com as suas mãos — firme e quente — e suspirou profundamente. Com a sua boca encontrou a de Roarke — áspera, sedenta — e ela gemeu.

Quando ela o puxou para o chão, ele virou-se e cambaleou com ela até Eve ficar de costas premidas contra algo frio e sólido.

— Olha para mim.

Ficou com o nome dele encravado na garganta consoante os dedos hábeis de Roarke deslizaram sobre ela, para dentro dela e a fizeram rodopiar tão desenfreadamente como a bola prateada sob o vidro.

Ele viu os olhos de Eve ficarem turvos e depois o seu tom castanho opulento ficar opaco consoante ela atingiu o orgasmo. — Mais. Outra vez — enquanto ela estremecia, enquanto as mãos dela lhe agarravam nos ombros, ele tomou a boca de Eve, engolindo o seu grito de libertação.

A respiração de Roarke estava tão ofegante como a de Eve consoante este lhe agarrou nas ancas, as elevou e a penetrou.

Ele agarrou-a, forçando o seu organismo com um prazer tão intenso que não se compreendia. Dava-lhe tanta energia que ela se debatia para retribuir, momento a momento. Quando as mãos de Eve deslizaram dos ombros dele, levou-as ao cabelo de Roarke, agarrando toda aquela seda preta entre os dedos.

Estimularam-se ambos até à exaustão.

— Não perdi.

Roarke olhou para o lado, sorriu ao ver o bonito rabo de Eve enquanto esta apanhava a sua roupa. — Não disse que tinhas perdido.

— Mas estás a pensar. Ouço-te a pensar. Não tenho tempo para acabar este jogo estúpido.

— Pode esperar — Roarke apertou as calças. — Estou com fome. Vamos comer qualquer coisa.

— Tem de ser rápido. Eu tenho trabalho. Quero ir dar uma vista de olhos ao quarto de hotel do Draco.

— Está bem — Roarke dirigiu-se ao AutoChef, ponderou e decidiu que uma noite fria e chuvosa exigia algo caseiro. Pediu guisado de carne de vaca e cevada para os dois. — Eu vou contigo.

— É um assunto de Polícia.

— Naturalmente. Só estou a exercer o meu dever cívico novamente, Tenente — ciente de que isso a irritaria, ofereceu-lhe uma tigela e um sorriso. — Afinal de contas, o hotel é meu.

— Só podia ser — como Eve sabia que ele *queria* irritá-la, comeu uma colherada. E queimou a língua. Não era o local do crime, pensou ela ao

soprar a segunda colherada para a arrefecer. E os olhos e mente de Roarke faziam-lhe jeito, ainda que não o quisesse admitir.

— Está bem — Eve encolheu os ombros. — Mas não me atralhes.

Roarke acenou com a cabeça em sinal de concordância. Não que tivesse alguma intenção de fazer o que ela lhe pedira. Que piada tinha isso?

— Vamos buscar a Peabody?

— Ela já saiu. Tinha um encontro.

— Ah. Com o McNab?

Eve sentiu o seu apetite diminuir consideravelmente. — Ela não anda com o McNab — perante o olhar de espanto de Roarke, esta enfiou teimosamente mais guisado na boca. — Ouve, talvez num universo alternativo muito longe daqui eles façam sexo. Mas não namoram. E pronto.

— Querida, chega uma altura, por muito que custe à mamã, que os filhos têm de sair de casa.

— Cala-te — Eve espetou a colher na direção dele. — Estou a falar a sério. Eles *não* namoram — insistiu ela e terminou o seu guisado.

Alguns poderiam chamar o apartamento degradado de Ian McNab em Lower West Side um universo alternativo. Era o espaço de um homem, mal decorado, com muitas recordações relacionadas com desporto e pratos sujos espalhados.

Apesar de ocasionalmente se dar ao trabalho de enfiar alguns dos piores destroços em algum armário poeirento quando esperava companhia feminina, estava muito longe de ser o espaço sumptuoso da casa de Roarke e cheirava a mistura vegetariana demasiado frita. Mas para ele servia perfeitamente.

De momento, com o coração palpitante e a pele escorregadia do sexo, servia perfeitamente.

— Caramba, Peabody — este deitou-se de costas como uma truta que dá à margem. Não se deu ao trabalho de tentar inspirar. Tinha uma mulher sensual e nua na sua cama. Podia morrer feliz. — Desta vez de certeza que batemos um recorde. Devíamos estar a apontar isto.

Ela deixou-se ficar onde estava, espantada como sempre que dava por si nesta situação com Ian McNab. — Não consigo sentir os meus pés.

Obsequiosamente, ele apoiou-se no cotovelo, mas por terem ficado estendidos transversalmente na cama, não conseguia ver além dos joelhos dela. Reparou que ela tinha joelhos muito bonitos. — Acho que não tos arranquei à dentada. Se o tivesse feito, lembrar-me-ia — mas com uma roncadela, desceu para se certificar. — Estão os dois aqui.

— Ótimo. Mais logo vou precisar deles.

Consoante o choque passou, ela pestanejou, olhou para o bonito perfil de McNab e pensou, como já o fizera várias vezes, quando teria perdido a cabeça.

Estou nua na cama com o McNab. Nua. Na cama. McNab.

Santo Deus.

Sempre insegura em relação aos defeitos do seu corpo, puxou os lençóis enrodilhados. — Está aqui frio — murmurou ela.

— O sacana do porteiro diminuiu a fornalha principal em Março. Como se o dinheiro fosse dele. Assim que puder, vou reencaminhar o sistema.

McNab deu um grande bocejo e arrastou ambas as mãos por entre o seu longo e emaranhado cabelo louro. Os seus ombros estreitos pareciam pressionados pela massa de cabelo. Peabody teve de ordenar aos seus dedos que não se elevassem para brincar com os longos caracóis de dourado avermelhado. Ele tinha ancas estreitas, tendo a direita atualmente decorada com uma tatuagem temporária de um relâmpago prateado. Condição com os quatro brincos no lóbulo da orelha esquerda.

A sua pele era branca como leite, os olhos de um verde imperscrutável. Eve continuava a não perceber o que a atraía nele a nível físico e muito menos como acabara a fazer sexo frequente e desenfreado com ele, quando fora da cama passavam a maior parte do tempo a irritar-se um ao outro.

Peabody gostaria de dizer que ele não fazia o tipo dela, mas achava que no fundo não tinha um tipo. A sua sorte com homens normalmente era perturbadoramente fraca.

— É melhor ir andando.

— Porquê? É cedo — quando ela se sentou, McNab inclinou-se para a frente e mordiscou-lhe sugestivamente o ombro. — Estou cheio de fome.

— Caramba, McNab, acabámos de fazer sexo.

— Também me apetecia mais disso, mas eu estava mesmo a pensar era em piza, com tudo — ele sabia qual era a sua fraqueza. — Vamos comer.

As papilas gustativas de Peabody ficaram em sentido. — Estou a fazer dieta.

— Porquê?

Esta revirou os olhos e puxou o lençol amarfanhado que trazia envolto ao sair da cama. — Porque estou cheiinha.

— Não estás nada. Estás em boa forma — McNab agarrou a ponta do lençol, surpreendendo-a com a sua rapidez, e puxou-lho até à cintura. — Estás em muito boa forma.

Enquanto Peabody tentava puxar o lençol, ele levantou-se num pulo e agarrou-a pela cintura com um aperto carinhoso que a desarmou e pre-

ocupou. — Vá lá, vamos comer, depois logo vemos o que fazemos a seguir. Tenho vinho algures por aqui.

— Se é parecido com o vinho que bebemos da última vez, antes preferia beber de um esgoto.

— É uma garrafa nova — este apanhou o seu fato-macaco de um laranja garrido do chão e vestiu-o. — Queres umas calças?

O facto de ele lhe oferecer as suas calças deu-lhe vontade de lhe apertar as quatro bochechas. — McNab, as tuas calças não me serviam nem quando eu tinha doze anos. É que eu tenho rabo.

— É verdade. Não faz mal, eu adoro uma mulher fardada — McNab afastou-se, esforçando-se por não pensar muito. Tinha sempre de convencê-la a ficar.

Do canto da sala de estar que também servia de cozinha foi buscar uma garrafa de vinho que comprara na véspera quando pensara nela. Pensava nela o suficiente para se sentir desmoralizado. Se conseguisse mantê-la na cama, não haveria problema. Aí não teria de pensar no que devia fazer, o entendimento era natural.

Ele ligou a sua teleligação. O número da pizaria estava gravado na memória, logo em primeiro lugar dada a frequência de transmissões. Mandou vir uma tarte de mongo, bem cheia, e depois lá encontrou um saca-rolhas.

O raio do vinho custara o dobro do que ele normalmente pagava. Mas quando se competia com um AR manhoso e experiente, um homem tinha de se esforçar. Não duvidava de que Charles Monroe soubesse tudo sobre vinhos bons. Ele e a Peabody deviam tomar banho em champanhe.

Dado que essa imagem o deixou furioso, emborcou metade de um copo de vinho. Depois virou-se quando Peabody saiu do quarto. Esta trazia as calças da farda com a camisa aberta em cima. McNab teve vontade de a lambar aí, aí onde o algodão hirto dava lugar à carne macia.

Caramba.

— O que foi? — perguntou ela, reparando na careta de McNab. — Já não tinham chouriço?

— Não, já vêm trazer — este estendeu-lhe o copo de vinho. — Estava a pensar... no trabalho.

— Mmm — ela bebericou o vinho, contraíndo os lábios perante o seu sabor frutado macio e subtil. — Isto é muito bom. Estás a averiguar os antecedentes das testemunhas do caso Draco, não estás?

— Já está feito. A Dallas já deve ter isso.

— Foi rápido.

Ele respondeu encolhendo os ombros. Não tinha de lhe dizer que Roarke lhe dera os dados numa bandeja. — Nós na DIE gostamos de agradecer. Mesmo depois das eliminações e análises de probabilidades, vai demo-

rar dias a reduzir a lista até um número razoável. Quando um tipo é esfaqueado no coração à frente de alguns milhares de pessoas, é complicado.

— Sim — Peabody voltou a bebericar o vinho e depois afastou-se para cair numa cadeira. Sem estar perfeitamente ciente disso, sentia-se tão confortável no apartamento desarrumado de McNab como no seu apartamento arrumado. — Passa-se alguma coisa.

— Passa-se sempre alguma coisa.

— Não, não é normal — Peabody sentiu um conflito interior, pôs-se a matutar olhando para o vinho. Se não falasse com alguém, explodia. E ele estava ali, que raio. — Ouve, isto é confidencial.

— Está bem — dado que a piza só chegaria daí a uns bons dez minutos, McNab agarrou num pacote aberto de fritos de soja. Sentou-se no braço da cadeira de Peabody. — O que se passa?

— Não sei. A Nadine Furst hoje contactou a Tenente e estava alterada. A Nadine, quero eu dizer — Peabody distraidamente tirou fritos do pacote. — Não é comum ver-se a Nadine alterada. Marcou um encontro com a Dallas para falar de assuntos pessoais. Foi uma conversa séria. Mandaram-me para o outro lado do bar, mas eu dei conta. E depois a Dallas não comentou nada sobre o assunto.

— Se calhar falaram só de cenas pessoais.

— Não, a Nadine não pediria para marcar um encontro destes se não tivesse algum problema — a Nadine também era sua amiga e Peabody estava um pouco magoada por ter sido posta de lado. — Acho que está ligado com o caso. A Dallas devia ter-me contado — Peabody mastigou os fritos estaladiços. — Devia confiar em mim.

— Queres que averigue isso?

— Eu mesma posso fazê-lo. Não preciso de um chico-esperto da DIE a fazer-me favores.

— Como queiras, “She-Body”.

— Não interfiras. Nem sei porque te contei isto. Estava-me aqui atravessado. A Nadine é minha amiga. Deveria ser minha amiga.

— Estás com ciúmes.

— Tretas.

— Estás, sim — ele começava a ter uma relação íntima com esse sentimento. — A Dallas e a Nadine excluíram-te e estás com ciúmes. É uma regra básica da dinâmica das mulheres.

Peabody empurrou-o para fora do braço da cadeira. — És um paspalho.

— Pronto — disse ele consoante tocou a sua campainha de segurança —, chegou a piza.

— Não toques em nada e não atrapalhes.
 — Querida — Roarke observou Eve introduzir a chave-mestra na fechadura de segurança do quarto A do último piso. — Estás a repetir-te.

— Porque tu nunca ouves o que te digo — antes de abrir a porta, Eve virou-se e os seus olhos cruzaram-se com os de Roarke. — Porque é que um homem que vive essencialmente em Nova Iorque, cuja principal fonte de trabalho está em Nova Iorque, opta por viver num hotel e não numa residência particular?

— Primeiro pelas aparências. «O Sr. Draco fica no apartamento do último piso do The Palace quando está em Nova Iorque.» Depois pela comodidade. Basta estalar os dedos para ter tudo de que precisa ou tudo o que quer que lhe façam. E fazem mesmo tudo. E por fim, talvez o fator mais revelador, a extrema falta de compromisso. Tudo em redor dele é problema e responsabilidade de outra pessoa.

— Do que já percebi acerca do Draco, acho que é mais isso — Eve abriu a porta e entrou.

O hotel era de Roarke, de modo que era luxurioso, opulento e perfeito. Para quem gostava do estilo.

A sala de estar era enorme e elegantemente decorada com paredes de um rosa sedoso. O teto era arqueado e estava decorado com um padrão elaborado de frutas e flores em redor de um enorme candelabro de vidro e ouro.

Três sofás, todos eles de um vermelho escuro e aconchegante estavam cheios de almofadas garridas como joias. As mesas — Eve suspeitava de que fossem de madeira genuína e bastante antigas — estavam polidas como espelhos, bem como o chão. O tapete tinha dois centímetros e meio de altura e condizia na perfeição com o padrão do teto.

Uma parede era de vidro, tendo o ecrã de privacidade recolhido, de modo que Nova Iorque explodia em luzes e formas no exterior, mas não era invasiva. Lá fora havia um terraço de pedra e dado que as flores em grandes vasos de pedra estavam bonitas, Eve deduziu que seria aquecido.

Numa das pontas da divisão havia um piano branco lustroso e noutra ponta havia painéis de madeira trabalhados que escondiam o que Eve deduzia ser uma unidade de entretenimento completa. Havia plantas com folhagem espessa e lustrosa, montras de vidro com coletores de pó bonitos que esta concluiu serem arte e nenhum sinal discernível de vida.

— Deviam fazer limpeza depois de ele sair para o teatro — disse-lhe Roarke. — Posso pedir à equipa que estava de serviço nessa noite para subir e dizer-te em que estado estavam as divisões nessa altura.

— Sim — Eve pensou em Nadine. Se conhecia bem a jornalista, deveria parecer que pelas divisões passara um tornado. Dirigiu-se aos painéis, abriu-os e estudou a unidade de entretenimento. — Ligar unidade — mandou ela e intermitentemente surgiu uma imagem azul-clara no ecrã. — Reproduzir o último programa.

Com um sinal mínimo, a unidade ficou repleta de cores e sons. Eve observou duas figuras deslizar e escorregar sobre um lago de lençóis negros. — Porque é que os homens acham tanta piada a ver os outros a fazer sexo?

— Somos nojentos, porcos e fracos. Tem pena de nós.

Eve começou a rir-se. Depois o casal na cama virou-se. A cara da mulher, terna de prazer, virou-se para a câmara. — Raios partam. É a Nadine. A Nadine e o Draco.

Roarke colocou uma mão no ombro de Eve para se apoiar. — Não foi gravado aqui. Isto não é o quarto. O cabelo dela está diferente. Não acho que seja recente.

— Vou ter de levá-la para a Central e provar que não é recente. Tenho a porcaria da gravação de sexo de uma das melhores jornalistas como prova num caso de homicídio — Eve parou a reprodução, ejetou o disco e selou-o num saco de provas do seu conjunto de campo.

— Raios partam. Raios partam.

Começou a andar de um lado para o outro, a debater-se consigo mesma. Esta coisa das relações era muito complicada e desconhecida para ela. A Nadine contara-lhe o que acontecera como amiga. Fora uma confidência. O homem que de momento a olhava pacientemente do outro lado da divisão era o seu marido.

Amor, honra e tudo mais.

Se lhe contasse acerca da Nadine e do Draco, estaria a violar a confiança de uma amiga? Ou estaria apenas a agir como uma mulher casada?

Como é que as pessoas conseguem viver e conjugar todas estas coisas, raios, pensou ela.

— Querida Eve — compreensivo, Roarke esperou que ela vagueasse pela sala e se voltasse para o encarar. — Vais ficar com uma dor de cabeça. Vou facilitar-te a vida. Não sintas que tens de me contar algo, se isso te deixa incomodada.

Eve franziu as sobrancelhas e semicerrou os olhos. — Ouço um *mas* no final dessa frase.

— Tens uma audição muito apurada. Mas... — continuou ele, dirigindo-se a ela — consigo deduzir que a Nadine e o Draco tiveram uma

relação a determinada altura e dada a tua preocupação atual, deduzo que aconteceu algo entre os dois muito mais recentemente.

— Chiça — Eve acabou por seguir o seu instinto e contou-lhe tudo.

Este ouviu e depois prendeu o cabelo de Eve atrás da sua orelha. — És uma boa amiga.

— Não digas isso, põe-me nervosa.

— Está bem, vou dizer o seguinte: a Nadine não teve nada que ver com o homicídio do Draco.

— Eu sei e não há provas concludentes que indiquem o contrário. Mas vai ser complicado para ela. Complicado a nível pessoal. Muito bem, que mais há aqui?

— Se a memória não me falha, a cozinha fica aqui — Roarke gesticulou. — O escritório, casa de banho, quarto, quarto de vestir, casa de banho.

— Vou começar no escritório. Quero verificar as teleligações dele e ver se teve alguma conversa que envolvesse ameaças ou discussões. Faz-me um favor — Eve entregou-lhe o seu conjunto. — Coloca o resto dos discos de vídeo num saco.

— Sim, senhora. Tenente.

Esta sorriu afetadamente, mas deixou passar.

Eve trabalhava sistematicamente. Roarke adorava vê-la trabalhar: o enfoque, a concentração, a lógica absoluta do seu método.

Não há muito tempo, se alguém lhe tivesse sugerido que acharia sensual uma agente da Polícia e o seu trabalho, teria ficado espantado e insultado.

— Para de olhar para mim.

Ele sorriu. — Estava a olhar?

Eve decidiu não ligar. — Há muitas comunicações recebidas e efetuadas. Se fosse psiquiatra, deduziria que o tipo não aguentava estar sozinho consigo mesmo. Precisava de contato constante. Mas não é nada de anormal, tirando bastantes compras por teleligação - oito pares de sapatos, três fatos janotas, uma unidade de pulso antiga. — Eve endireitou-se. — Mas tu não terias isso em conta.

— Pelo contrário, eu jamais compraria fatos janotas por teleligação. O corte é tudo.

— Que piada. Teve uma conversa curta e acesa com o agente dele. Parece que o nosso menino descobriu que a atriz principal ia ter o mesmo salário ao longo da duração da peça. Ficou bastante irritado, queria que o representante dele renegociasse e lhe conseguisse mais dinheiro. Mais um crédito por atuação.

— Sim, eu sabia disso. Não chegámos a acordo.

Baralhada, Eve afastou-se da pequena secretária arrumada. — Não lhe deste mais um crédito?

— Quando se lida com crianças — disse Roarke delicadamente — há que definir limites. O contrato era um limite. O valor do pedido era irrelevante.

— És um osso duro de roer.

— Com certeza.

— Ele chateou-te por causa disso?

— Não. Podia ter intenção de voltar a insistir, mas nunca discutimos por causa disso. A verdade é que o agente dele foi ter com os meus advogados, eles falaram comigo, eu falei com eles e assim por diante. Ficámos com a minha recusa na noite de estreia.

— Está bem, então estás safo. Quero ver o quarto — Eve passou por Roarke atravessando um pequeno corredor circular e entrando pela porta.

A cama era grande, elaborada, com uma parede alta almofadada por detrás e uma coberta fina de um cinza cor de fumo. Parecia nevoeiro delicado.

Eve entrou brevemente no quarto de vestir adjacente e abanou a cabeça perante a floresta de roupas e sapatos. Uma bancada encastrada, com espelhos, apresentava uma fila de frascos e tubos coloridos: realçadores, aliadores de pele, aromas, pós.

— Muito bem, era vaidoso, egoísta, egocêntrico, infantil e inseguro.

— Não contesto a tua avaliação. Todos esses traços de personalidade são motivo de desagrado, mas justificam um homicídio?

— Às vezes ter dois pés é motivo para matar — Eve voltou ao quarto. — Um homem tão egocêntrico e inseguro não dormiria sozinho muitas vezes. Deixou a Carly Landsdowne. Diria que ele já tinha outra pessoa em vista para a substituir — Eve abriu ociosamente a gaveta da mesinha de cabeceira. — Ora, ora, tantos brinquedos.

A gaveta tinha compartimentos e cada um deles estava cheio de vários intensificadores eróticos adequados a momentos com parceiros ou a sós.

— Tenente, acho mesmo que os devia levar para serem examinados mais atentamente.

— Não toques — afastou a mão de Roarke com uma palmada consoante ele tentou mexer-lhes.

— Desmancha-prazeres.

— Tu és um civil. Que raio é que isto faz? — Eve levantou um bocado de borracha comprido em forma de cone. Fez alegres barulhinhos tilintantes quando esta o abanou.

Roarke espetou a língua na bochecha e sentou-se na cama. — Bem,

em nome da tua investigação, tenho todo o gosto em demonstrar. — Sorri-
ndo, bateu com a mão na cama ao lado dele.

— Não, estou a falar a sério.

— Eu também.

— Esquece — mas ainda estava a ponderar quando voltou a guardar
o cone e abriu a gaveta de baixo. — Isto é uma mina de ouro. Tem aqui Exó-
tica que dá para um mês, um pouco de Zeus e... — Eve abriu um pequeno
frasco e cheirou cautelosamente, para depois abanar a cabeça como um cão
que sai da água. — Merda. Wild Rabbit.

Eve voltou a colocar atabalhoadamente a tampa no lugar, pegou num
saco de provas e depois selou o frasco.

— E é pura — Eve exalou. — Se ele usa isto nos encontros amorosos,
não admira que elas todas achem que ele é um deus do sexo. Uma ou duas
gotas de Rabbit e até mocava com uma maçaneta. Sabias que ele consumia
isto?

— Não — já nada divertido, Roarke levantou-se. — Não sou grande
apreciador da maioria dos narcóticos. Mas usar isto equivale a violação, na
minha opinião. Estás bem?

— Sim. Sim — um pouco tonta, pensou ela, e irritantemente excita-
da. E isto apenas com uma rápida cheiradela. — Produto assim tão puro
vale dez mil por cada 30 gramas, no mínimo, e não é fácil de encontrar. Só
funciona no organismo feminino — murmurou ela. — Basta apenas uma
gotinha a mais para morrer de *overdose*.

Roarke envolveu o queixo com uma mão e depois levantou-a para
examinar os olhos de Eve. Estavam bem nítidos, concluiu ele. — Nunca
ouvi dizer que ele consumisse algo deste género. Se tivesse ouvido e des-
cobrisse que era verdade, deixava-o sem contrato. E muito provavelmente,
sem bracinhos.

— Está bem — Eve levou uma mão ao pulso dele e apertou-o. — Por
agora chega. Preciso que mantenhas o quarto vago mais um dia ou dois.
Quero que seja revistado por uma unidade de Narcóticos.

— Está bem.

Eve enfiou o frasco no seu conjunto e esperou animar Roarke. — En-
tão, quanto te custa?

— Perdão?

— Manter o quarto vago? Quanto custa por noite?

— Esta coisita? Acho que anda à volta de oitenta e cinco mil por noite,
se bem que deduzo que tenhamos preços à semana e ao mês.

— Trocos. A Mansfield também tem aqui um quarto, não tem?

— O apartamento B no último piso da outra torre.

— Vamos fazer-lhe uma visita. Ela e o Draco tinham em comum um

historial de consumo de drogas — começou Eve a dizer ao recolher o seu conjunto de campo, olhando depois para o exterior. — Ela pode conhecer os fornecedores dele. Pode até ser que tudo não tenha passado de um negócio de droga que correu mal.

— Não me parece.

— Está bem, também não me parece, mas a maior parte do trabalho de um agente consiste em fazer eliminações. — Eve trancou a porta e tratou de ir buscar um selo de Polícia no seu conjunto.

— Tens de fazer isso? — Roarke olhou para o selo com desagrado. — É muito desagradável para os outros hóspedes.

— Sim, tenho. Além disso, vai proporcionar-lhes uma emoção secreta. Ui, olha, George, era ali que vivia o ator que morreu. Vai buscar a câmara de vídeo.

— A tua atitude em relação à sociedade em geral é tristemente cínica.

— E exata — Eve entrou no elevador à frente dele, aguardando que as portas se fechassem. Depois deu um pulo. — Dá-me depressa... céus... — desesperada por extravasar, Eve esfregou-se contra ele, mordeu-lhe o lábio, gemendo consoante as suas mãos apertavam com força o rabo dele.

— Uff — com uma expiração longa, Eve empurrou-o para longe e rodou os ombros. — Assim está melhor.

— Para ti talvez — ele tentou agarrá-la, mas Eve deu-lhe uma palma da no peito.

— Nada de brincadeiras em elevadores públicos. Não sabes que isso é uma violação do código municipal? Torre A, último piso — ordenou ela e o veículo começou a andar impercetivelmente.

— Vais mesmo ter de pagar por isto.

Ela encostou-se à parede consoante o elevador iniciou a deslocação horizontal. — Por favor, estás a assustar-me.

Roarke limitou-se a sorrir e enfiou as mãos no bolso. Entreteve-se com o cone de borracha que roubara da gaveta. — Eu se fosse a ti tinha medo — murmurou ele e fê-la rir-se consoante o elevador parou.

— Tinha de desanuviar as ideias antes de falar com uma testemunha, não tinha?

— Mmm-hmmm.

— Ouve, conheces a Mansfield bastante bem. Gostava de saber a tua opinião quando terminarmos.

— Lá está, volto a ser útil.

Eve parou, voltou-se e colocou uma mão na face de Roarke. O amor que sentia por ele apoderava-se dela e consumia-a nas alturas mais estranhas. — Realmente fazes-me jeito — quando ele virou a cabeça e passou ao de leve com os seus lábios sobre a palma da mão dela, Eve sentiu um tremor

percorre-la até aos dedos dos pés. — Nada de pieguices — ordenou ela e andou até à porta de Areena.

Carregou na campainha e aguardou.

Areena, trazendo um vestido branco de andar por casa, abriu a porta. Parecia ruborizada, claramente espantada e de todo agradada. — Tenente Dallas. Roarke. Eu... não estava à espera... — foi então que os seus olhos cristalinos se esbugalharam e reluziram. — Há novidades? Apanharam a pessoa...

— Não. Peço desculpa por estar a incomodá-la, mas preciso de lhe fazer algumas perguntas.

— Ah, pensei, estava com esperança que tudo tivesse acabado. Paciência — levantou uma mão e com os dedos de pontas cor-de-rosa pressionou a área sob os olhos como se quisesse aliviar uma dor. Na verdade tinha aí ligeiras marcas de fadiga. — Receio que esta altura não seja muito boa. É absolutamente necessário?

— Lamento o incómodo, mas não demorará muito tempo.

— Claro. Que chato. Sabe, é que não estou sozinha, eu... — rendendo-se, Areena deixou cair a mão e recuou. — Por favor, entrem.

Eve desviou-se para o lado. O espaço era muito parecido com o anterior em disposição e tamanho. A mobília era menos pesada, de alguma forma mais feminina e as cores eram uma sinfonia de azuis e cremes.

E sentado num dos trios de sofás, com um ar elegante e lindo de preto, estava Charles Monroe.

Bestial, pensou Eve, e imediatamente teve vontade de lhe dar um pontapé nos seus tomates careiros.

Ele esboçou um sorriso de orelha a orelha, uma reação instintiva de prazer, mas ao ver a frieza no olhar de Eve, a expressão transformou-se num gozo preguiçoso consoante se levantou langorosamente. — Tenente. É sempre um prazer vê-la.

— Charles. O trabalho noturno continua a mantê-lo ocupado?

— Felizmente. Roarke, prazer em revê-lo.

— Charles.

— Queres que te encha novamente o corpo, Areena?

— O quê? — o olhar dela alternava rapidamente entre as caras e os seus dedos rodavam e enrolavam os elos prateados que trazia ao pescoço. — Não. Não, obrigada. Ah, vocês já se conhecem.

O rubor que conferira à sua cara uma bonita cor rosada intensificou-se. Levantou novamente as mãos nesse gesto feminino de desamparo.

— A Tenente e eu já nos encontrámos várias vezes. Até temos uma amiga mútua.

— Cuidado com o que diz — proferiu Eve muito rapidamente. A in-

disposição já tomara conta do seu olhar e estava prestes a explodir. — Isto é uma visita social, Charles, ou está a trabalhar?

— Devia saber que um homem com a minha profissão não fala desses assuntos.

— Por favor, isto é embaraçoso — Areena levantou a mão para mais uma vez brincar irrequietamente com o seu fio e não reparou que Charles moldara um sorriso esguio e cínico nos lábios, mas Eve reparou. — Obviamente sabe que o Charles é um profissional. Não queria estar sozinha e precisava... apenas de companhia. Eu ouvi ótimas recomendações do Charles... do Sr. Monroe.

— Areena — suave como seda, Roarke avançou. — Eu adorava beber um café. Importas-te?

— Claro. Peço desculpa, eu posso...

— Eu posso tratar disso — Charles passou uma mão sobre o braço de Areena e dirigiu-se à cozinha.

— Eu dou-lhe uma ajuda — olhando uma última vez para Eve, Roarke afastou-se.

— Sei o que isto deve parecer — começou Areena. — Deve parecer muito frio e egoísta eu contratar um parceiro sexual na noite após...

— Acho estranho que uma mulher como você tenha de contratar alguém para lhe fazer companhia.

Com uma ligeira gargalhada, Areena pegou num copo de vinho e, beberricando, começou a andar pela divisão. A seda murmurava em redor das suas pernas. — É um elogio bonito envolto em suspeitas afiadas. E bem apresentado.

— Não vim para lhe fazer elogios.

— Não — os olhos de Areena perderam a luz bem-humorada. — Não, claro que não. A resposta simples à sua pergunta subjacente é que sou muitíssimo reservada. Deduzo que isso se deva a ter passado demasiado tempo da minha juventude em festas, em grupos. Já saberá das minhas indiscrições, das minhas dificuldades com narcóticos. Isso é coisa do passado.

Ela voltou para trás e levantou o queixo. — Não foi fácil superar isso, mas superei. Ao fazê-lo, perdi algumas pessoas que considerava amigas. Estraguei relações que tinha como importantes devido aos vícios, perdi aqueles que não se deviam ter importado quando venci os vícios. E agora estou numa fase da minha vida em que a minha carreira requer toda a minha atenção. Não tenho muito tempo para conviver nem para namorar.

— Envolveu-se romanticamente com Draco?

— Não. Jamais. Fizemos sexo há séculos, do género que não implica usar o coração nem a cabeça. Há já algum tempo que o teatro era a única

coisa que tínhamos em comum. Voltei para Nova Iorque, Tenente, porque queria esta peça e sabia que o Richard seria brilhante neste papel, eu queria isso. Não haverá outro como ele em palco. Céus.

Areena fechou bem os olhos e estremeceu. — É horrível. Horrível. Lamento mais a perda do ator do que do homem. Lamento saber isso acerca de mim mesma. Não, não posso estar sozinha — ela afundou-se no sofá. — Não aguento. Não consigo dormir. Se adormeço, acordo e tenho as mãos cobertas de sangue. É o sangue de Richard. Os pesadelos.

Levantou a cabeça e os seus olhos vaguearam até se cruzarem com os de Eve. — Tenho pesadelos horríveis sempre que me deito, assaltam-me a mente e acordo maldispоста, aos gritos, coberta com o sangue dele. Não consigo imaginar. Não consigo.

Mas Eve conseguia. Um pequeno quarto gelado banhado pela luz vermelha suja do letreiro do outro lado da rua. A dor, a hediondez da violação, do braço que lhe partira quando ela lutara contra ele. O sangue, o sangue dele por todo o lado, escorrido nos braços dela, a pingar da lâmina da faca consoante ela rastejava para longe.

Ela tinha oito anos. Nos seus pesadelos, Eve tinha sempre oito anos.

— Quero que descubra quem fez isto — sussurrou Areena. — Tem de descobrir quem o matou. Quando descobrir, os pesadelos irão parar. Não irão? Não irão parar?

— Não sei — Eve forçou-se a avançar, forçou-se a afastar-se das suas próprias memórias e a manter-se no presente. Manter o controlo. — Diga-me o que sabe sobre os narcóticos. Quem eram os contatos dele, quem o fornecia, quem consumia com ele?

Na cozinha, Charles bebericava o seu vinho e Roarke desenrascou-se com o café falso razoável que o AutoChef proporcionava.

— A Areena está a passar uma fase difícil — começou Charles.

— Imagino que sim.

— Não existe nenhuma lei que proíba comprar consolo.

— Não.

— O meu trabalho é tão viável como o dela.

Roarke inclinou a cabeça. — Monroe, a Eve não tem nenhuma vingança pessoal contra os acompanhantes registados.

— Só contra mim em especial.

— Ela é protetora em relação à Peabody — com o olhar límpido e direto, Roarke voltou a beber. — E eu também sou.

— Eu gosto da Delia. Gosto muito. Jamais a magoaria. Jamais a enganaria — com um som de asco, Charles virou-se para perscrutar as luzes

pela janela. — Perdi a minha oportunidade de ter uma relação fora do meu trabalho, de ter vida além do meu trabalho, porque enganei uma mulher. E depois porque gostava dela o suficiente para ser honesto. Já aceitei isso. Sou o que sou.

Charles virou-se e os seus lábios curvaram-se. — E sou bom no que faço. A Delia aceita isso.

— Talvez. Mas as mulheres são criaturas muito estranhas, não são? — um homem nunca sabe realmente. E isso, acho eu, faz parte do seu apelo constante. Um mistério é mais interessante enquanto não está completamente desvendado, não é?

Com meia gargalhada, Charles olhou por sobre o ombro e Eve entrou pela porta.

Esta não conseguia dizer ao certo porque estava irritada por ver Charles e o seu marido a partilhar um momento que só podia ser de diversão masculina. Mas como a irritava, fez uma careta para Roarke.

— Desculpem lá interromper a conversa de rapazes, mas podes fazer companhia à Areena durante um momento enquanto eu falo com o Charles?

— Claro. O café é razoavelmente bom.

Eve aguardou que ele saísse e depois dirigiu-se ao AutoChef mais para ter um momento para se acalmar do que para beber um café de hotel. — Quando é que Miss Mansfield reservou os seus serviços?

— Esta tarde. Por volta das 14h00m, acho eu.

— Não é muito em cima da hora para si?

— É.

Eve retirou o café e encostou-se à parede com o vapor a ascender da sua chávena. — Não tinha nada marcado para esta noite?

— Reorganizei o meu horário.

— Porquê? Areena deu a entender que não se conheciam, social ou profissionalmente. Porque se deu a esse trabalho por uma desconhecida?

— Porque ela pagou o dobro —, disse ele diretamente.

— E ela pagou o quê? Sexo apenas? Passar cá a noite?

Charles fez uma pausa e olhou para baixo, para o seu vinho. Quando voltou a erguer o olhar, os seus olhos estavam frios. — Não tenho de responder a isso. E não vou responder.

— Estou a investigar um homicídio. Posso intimá-lo a ser interrogado na Central.

— Sim, pode. Vai intimidar?

— Está a complicar as coisas — Eve pousou o café, andou para cima e para baixo pelo espaço estreito entre a parede e a bancada. — De qualquer forma terei de referir o seu nome no meu relatório. Isso só por si é mau.

Mas se me obrigar a chamá-lo à Central e a formalizar isto, a Peabody fica logo a saber.

— E nenhum de nós quer isso — murmurou ele para depois suspirar. — Ouça, Dallas, recebi uma chamada. Uma cliente minha deu o meu nome à Areena como sendo alguém que lhe proporcionaria uma noite confortável. Ela estava nitidamente perturbada. Eu já sabia da morte do Draco e não tive de lhe perguntar o motivo. Ela queria companhia para passar a noite. Jantar em casa, conversar, fazer sexo. Para compensar o meu incômodo, ela pagou o dobro do que costume cobrar por passar a noite com a cliente. É simples.

— Falaram do Draco?

— Não. Falámos acerca de arte, acerca de teatro. Ela já bebeu três copos de vinho e fumou meio pacote de cigarros herbais. As mãos dela pararam de tremer cerca de vinte minutos antes de você chegar. É uma pessoa que está um caco a nível emocional e tenta aguentar-se.

— Está bem, obrigada — Eve enfiou as mãos nos bolsos. — A Peabody vai ver o relatório.

Ele sentiu os seus pelos eriçarem-se. — A Delia sabe o que eu faço.

— Certo — aquilo causou-lhe um ressentimento acutilante.

— Ela já é crescidinha, Dallas.

— Crescidinha, o tanas — Eve desistiu e deu um pontapé na parede. — Não sabe lidar com um mulherengo como você. Caraças, ela vem de uma família de *Free-Agers*. Foi criada onde Judas perdeu as botas — um gesto vago indicou o Midwest. — Ela é uma boa agente. É uma agente honesta, mas ainda não sabe tudo. E vai ficar muito chateada quando souber que eu falei no assunto consigo. Vai assumir aquela atitude emproada e ignorar-me, mas caraças...

— Ela é importante — ripostou ele. — Ela é importante para si. Não lhe passa pela cabeça que também possa ser importante para mim?

— As mulheres para si são trabalho.

— Quando me pagam pelos meus serviços. Com a Delia não é assim. Por amor de Deus, nem sequer fazemos sexo.

— Porquê? Ela não pode pagar os seus honorários? — assim que o disse, Eve detestou-se. Detestou-se ainda mais quando viu aqueles olhos frios evidenciar mágoa pura. — Peço desculpa. Peço desculpa. Não devia ter dito isto. Abusei.

— Sim, abusou.

Repentinamente cansada, ela deslizou para baixo e sentou-se no chão com as costas contra a parede. — Não quero saber estas coisas. Não quero pensar nestas coisas. Eu gosto de si.

Intrigado, ele baixou-se também, com as costas contra a bancada, e os joelhos de ambos quase se tocaram. — A sério?

— Sim, no fundo. Já anda com ela desde antes do Natal e não... Qual é o problema dela?

Ele riu-se e desta feita deu uma gargalhada fácil e intensa. — Caramba, Dallas, como é então? Se faço sexo com ela, sou um sacana. Se não faço, sou um sacana. O Roarke tinha razão.

— O que quer dizer com isso?

— Não há como perceber as mulheres — ele bebeu um gole do seu vinho. — Ela é uma amiga. As coisas proporcionaram-se assim. Não tenho muitas amigas que não sejam clientes ou acompanhantes.

— Tenha cuidado. Elas começam a multiplicar-se quando está distraído. Complicam-lhe a vida toda.

— Você é boa amiga. Só mais uma coisa — disse ele, dando-lhe um ligeiro toque no pé. — Eu no fundo também gosto de si, Tenente Docinha.

O pesadelo veio. Ela já devia estar à espera. Fora desencadeado por Areena ao falar de sonhos e sangue e terror. Mas ainda que o soubesse, nunca conseguia impedi-lo quando este se esgueirava no interior da sua mente.

Ela viu-o entrar no quarto. O seu pai. Aquele quarto horrível em Dallas, gelado mesmo com os termómetros no máximo. Mas ao vê-lo, ao sentir o seu cheiro, saber que ele tinha estado a beber, mas não o suficiente, fazia o suor brotar dos seus braços gelados.

Eve deixou cair a faca. Estava tão cheia de fome, de tal forma que teria valido a pena correr o risco de encontrar algo para comer. Só um bocadinho de queijo. A faca caiu-lhe da mão, demorou dias, anos, séculos a chegar ao chão. E no sonho, o seu estridor parecia um trovão que ecoava. E ecoava. E ecoava.

Sobre a cara dele ao aproximar-se de Eve, a luz do letreiro mudava de vermelha para branca e depois vermelha.

Por favor, não, por favor, não, por favor, não.

Mas nunca adiantava nada implorar.

Aconteceria sempre, consecutivamente. A dor da mão dele quase casualmente a esmagar-lhe a cara. O embater no chão com tanta força que quase lhe chocalhava os ossos. E depois o peso dele sobre Eve.

— Eve. Pronto. Eve, acorda. Estás em casa.

A respiração de Eve queimava-lhe a garganta e ela debatia-se, dando pontapés, afastando os braços que a abraçavam. E a voz de Roarke infiltrou-se no sonho, meiga, calma, linda. Segura.

— Isso. Agarra-te a mim — ele apertou-a mais contra si no escuro, embalando-a como se fosse uma criança até atenuar os seus tremores. — Já estás bem.

— Não me largues.

— Não — ele premiu os seus lábios na têmpora de Eve. — Não largo.

Quando ela acordou de manhã, o sonho um mero borrão na sua mente, ele continuava a abraçá-la.